

PARTE II

O Bom Governo Como Melhor Governo Possível.

5 O modelo *ottimati*: o bom governo na *Storie Fiorentine*.

“massime sendo questa una città liberissima nel parlare, piena di ingegni sottilissimi ed inquietissimi...” (Francesco Guicciardini. *Storie Fiorentine*, p. 174).

É bem provável que no ano de 1508 Francesco Guicciardini experimentasse um sério dilema: após passar por algumas das universidades mais importantes do norte da Itália – Florença, Ferrara e Padua–, e concluir o doutorado em direito, ele se vê impossibilitado de exercer os cargos públicos para os quais vinha se preparando há algum tempo.¹ Isto por conta de sua pouca idade, já que em Florença era exigido o mínimo de 29 anos para o exercício de alguma magistratura importante. Assim o jovem Francesco, então com 25 anos, opta por se estabelecer como advogado em sua cidade natal, o que acabou lhe propiciando grande prestígio junto às famílias importantes, além de algum dinheiro. Nesse mesmo ano, contrai matrimônio com Maria, filha de Alamanno Salviati, figura proeminente em Florença. Em suas *ricordanze*, Francesco confessa que seu maior interesse não era propriamente na beleza da moça, mas em seu sobrenome e na reputação de seu pai; de tal modo, no dia dois de novembro ele se casa com Maria, e aumenta significativamente a rede de relações pessoais que o levarão à rápida ascensão política.² Após o matrimônio, e nas horas não preenchidas por seu ofício, Francesco Guicciardini escreve seus primeiros textos, de caráter um tanto quanto despretencioso: são de 1509 suas *ricordanze*, as *Memorie di Famiglia* e a *Storie Fiorentine*.³

Na *Storie Fiorentine* – seu escrito anterior a 1512 de maior relevância e profundidade –, Guicciardini reflete sobre o passado de sua cidade, com vistas ao esclarecimento de alguns dilemas: seria possível recuperar o “passado glorioso” de Florença? Poderia o governo voltar às mãos dos *ottimati*? Haveria alguma possibilidade de se alcançar um *reggimento* equilibrado, meio termo entre a tirania dos Medici e a “anarquia” da República popular? Com estas questões em mente, Guicciardini se propõe a analisar o passado florentino, valendo-se tanto

¹ Cf. RIDOLFI, R. *The life of Francesco Guicciardini*, pp.7-9.

² Cf. *Ibid.*, p. 18.

³ Cf. *Ibid.*, p.21.

das histórias escritas pelos chanceleres humanistas no século XV – Leonardo Bruni, Poggio Bracciolini e Bartolomeo della Scalla⁴ –, quanto de pesquisas em acervos familiares. Como argumentarei nas próximas páginas, não se trata de obra de caráter historiográfico; escrever uma história no início do século XVI implicava a adoção de protocolos retóricos que não se encontram na *Storie Fiorentine* – deve-se salientar que este título foi dado apenas no século XIX, na edição de suas obras inéditas.

Texto destinado aos arquivos da família Guicciardini, para que as gerações futuras tivessem acesso a certo conjunto de informações, a *Storie Fiorentine* possui uma tese política clara – o que não era comum no gênero “história” –, a de que o domínio dos Medici teria incidido para a degradação dos valores republicanos. Ao mesmo tempo, ele critica os excessos da República de 1494, os quais estariam levando Florença a uma perigosa licenciosidade; trata-se do fantasma de *Ciompi*, regime popular que teve lugar em Florença entre 1378-82 e cuja lembrança arremetia aos aristocratas florentinos. A solução encontrada por Guicciardini passava pela idéia de equilíbrio – elemento de destaque na tradição do bom governo –, o qual seria possível através da mediação *ottimati*. Ou seja: o autor defende, na *Storie Fiorentine*, um governo *stretto*, de predomínio aristocrático. Guicciardini se vale da história para tecer seu argumento: o período em que Florença havia sido mais próspera, segundo ele, fora no início do século XV, momento em que teve lugar na cidade uma República aristocrática, responsável pela preservação dos ideais do *bom governo* – justiça, harmonia, liberdade e concórdia –, princípios estes que eram respeitados na Florença das primeiras décadas do quatrocentos graças à condução virtuosa dos *ottimati*.

Guicciardini inicia sua narrativa no ano de 1378; sua escolha se deve à eclosão, naquele ano, do movimento dos *Ciompi*. Esta opção não é aleatória: era exatamente o tipo de radicalização experimentada naqueles dias que Guicciardini temia no presente. O critério é cronológico, com destaque para o período posterior a 1494. Na passagem de 1508 para 1509, a narrativa é interrompida bruscamente: trata-se de uma obra inconclusa, o que, como veremos, é um dado significativo para o entendimento da dinâmica de seu discurso político. Passo, agora, ao exame detalhado das questões centrais discutidas pelo autor na *Storie*.

⁴ Sobre a historiografia humanista do século XV, conferir: WILCOX, D. *The development of Florentine Humanist Historiography in the Fifteenth Century*.

5.1

A degradação dos valores republicanos na *Storie Fiorentine*.

Na *Storie Fiorentine*, muitas das teses políticas dos humanistas se fazem presentes, da primeira à última linha; existe, contudo, uma diferença crucial: na *Storie*, Guicciardini sustenta de maneira “aberta” aquilo que seus antecessores defendiam com sutileza, a saber, um governo aristocrático fundado na *vera nobilitas*, na concórdia e na virtude dos governantes. Ao contrário de autores quatrocentistas como Bruni e Palmieri, Guicciardini não podia elogiar e defender o estado das coisas presentes: em 1508, quando inicia a redação de sua história, Florença vivia os dias turbulentos de uma República popular demasiadamente instável, instaurada em 1494 após a expulsão de Piero de’ Medici. Antes disso, entre 1434 e 1494, a cidade presenciara uma contínua degradação de seus valores republicanos, com a primazia dos Medici, que exerceram nesses anos acentuada influência, dominando as diversas magistraturas cidadinas.

Ao escrever a *Storie*, Guicciardini procura no passado florentino explicações para a calamidade de seus dias, assim como um modelo que pudesse servir de base para a reforma da República, criando uma alternativa viável aos desmandos que, segundo ele, tinham sua causa primordial na aliança firmada entre o *gonfaloniere* Piero Soderini e a massa dos cidadãos, representados pelo *Consiglio Grande*, assembleia máxima de Florença. Assim, vem à tona o problema da reforma do *reggimento*, que tanta repercussão terá na primeira metade do século XVI, com Nicolau Maquiavel, Donato Gianotti e o próprio Guicciardini.⁵

A preocupação política que perpassa a *Storie* levou alguns comentadores, como Vittorio de Caprariis, a considera-la como obra de teoria política, e não de historiografia.⁶ Esta visão se encontra bastante desacreditada atualmente, uma vez que, no Renascimento, história e política conectavam-se inequivocamente; os

⁵ Sobre o caráter reformador das *Storie*, conferir: CADONI, G. *Um governo immaginato. L’universo político di Francesco Guicciardini*, p. 13: “...nesun dubbio può sussistere circa la sua valutazione della pericolosa debolezza che insidiava la costituzione fiorentina e della conseguente necessità di riformarla”.

⁶ Em obra considerada clássica, Vittorio de Caprariis sustenta que a *Storie Fiorentine* deve ser lida como um texto de análise política, e não como uma obra de historiografia. Afirma o autor que o problema político central seria o possível retorno dos Medici ao poder, tematizado em diversas passagens das *Storie*. De Caprariis parte, em suas análises, da dicotomia entre política e história, dicotomia esta que teria marcado toda a obra de Francesco Guicciardini. Assim, a falência de seu sistema político, detectado no texto *Consolatoria*, teria feito com que o autor passasse para as reflexões historiográficas, mais desencantadas, sem um modelo político evidente. Cf. DE CAPRARIIS, V. *Francesco Guicciardini: dalla politica alla storia*.

homens de política se valiam de relatos do passado para construir seus argumentos e orientar suas ações, e o tipo de história que se escrevia era eminentemente político, com ênfase em ações diplomáticas e militares.⁷ Nicolai Rubinstein defende que a *Storie Fiorentine* deva ser tratada como uma obra de caráter historiográfico, rica, porém, em reflexões políticas. Para sustentar essa posição, Rubinstein afirma que, quando o relato chega a 1454 – ano da paz de Lodi –, o detalhamento das circunscrições e análises se torna maior. Assim, a obra seria uma continuação da história de Florença escrita por Poggio Bracciolini, cuja descrição se encerra exatamente neste ano; Guicciardini inclusive menciona que, a partir desse ponto, nenhuma outra obra jamais fizera referência.⁸

Deve-se destacar, contudo, certas especificidades deste texto, as quais acabam por colocar em xeque o argumento de Rubinstein: a *Storie* possui um estilo livre, quase nunca adequado aos padrões humanistas de uma “história verdadeira”.⁹ Como afirma Peter Bondanella, “o que é mais impressionante na primeira história de Florença de Guicciardini (...) é a relativa independência em relação aos modelos clássico e renascentista latino”.¹⁰ Assim, não existem referências a grandes batalhas, não se travam diálogos fictícios entre os protagonistas, não há uma introdução geral, elementos que caracterizavam o modelo humanista da *vera storia*.¹¹ Nesse sentido, a *Storie Fiorentine* não pode ser considerada uma obra histórica nos moldes humanistas, diferentemente da

⁷ Sobre a relação entre historiografia e política no Renascimento, conferir: JASMIN, M. “Política e historiografia no Renascimento italiano: o caso de Maquiavel”. In: CAVALCANTE, B. (org.). *Modernas Tradições*, pp. 179-200.

⁸ Cf. RUBINSTEIN, N. “Guicciardini politico”, pp.163-4. “... le *Storie* guicciardiniane sono, a mio avviso, un’opera eminentemente storiografica che si inserisce nella storiografia fiorentina del’ 400; storiografia, per altro, con la quale il Guicciardini stesso stabilisce un rapporto esplicito, affermando, poche pagine dopo l’inizio dell’opera ed a proposito degli avvenimenti seguiti allá pace di Lodi del 1454: ‘le quale cose secondo la mia notizia narrerò più particolarmente, perché da quello tempo in qua non ci è ancora chi abbia scritto istorie’ (ove, ovviamente, il riferimento è alla *Historia florentina* del Poggio che termina precisamente nel 1455)”.

⁹ A noção “história verdadeira” era utilizada pelos humanistas, e dizia respeito à obra do gênero histórico que seguia os cânones clássicos. Baseava-se, sobretudo, nos ensinamentos de Cícero, Tito Lívio e Salústio. Alguns dos princípios da historiografia humanista: a história deve propor lições morais, deve se valer de um estilo persuasivo, que se utilize de diálogos ilustrativos, deve conter uma introdução geral que mencione regras gerais de comportamento humano. Cf. GILBERT, F. *Machiavelli and Guicciardini*, pp. 203-235.

¹⁰ BONDANELLA, P. *Francesco Guicciardini*, p. 29. “What is more striking about Guicciardini’s first history of Florence, however, is its relative independence from the classical or Renaissance Latin models”.

¹¹ Cf. Idem. “While it is true that Guicciardini adopts the view that history teaches by example, he nevertheless avoids the almost obligatory presentation of stereotyped battle scenes, paired sets of highly rhetorical speeches representing conflicting points of view held by historical figures, or the

Storia d'Italia, obra de maturidade em que Guicciardini emprega o modelo clássico e retórico. Estas assertivas permitem uma reconsideração, ainda que parcial, da posição de De Caprariis: ainda que a idéia de que a *Storie* não consista em obra historiográfica pareça absurda, deve-se levar em consideração que os propósitos de Guicciardini ao escreve-la eram totalmente distintos daqueles dos chanceleres humanistas, que ao longo do século XV redigiram diversas histórias de Florença. Ao compor seu texto em estilo livre, fora dos padrões retóricos da historiografia renascentista, o autor reconhecia implicitamente as impossibilidades de divulga-lo nos círculos oficiais e eruditos da cidade. Tanto que, ao preparar a *Storia d'Italia*, esta sim destinada à publicação, Guicciardini emprega o cânone humanista – ainda que muitos de seus procedimentos analíticos tenham sido completamente revolucionários na época.¹² Mesmo Maquiavel, espírito inovador, ao escrever sua história de Florença se adequa aos padrões retóricos dos humanistas, conquanto critique boa parte das reflexões dos chanceleres.¹³

Deste modo, sou levado a crer que a *Storie* tinha por propósito menos uma continuidade da narrativa dos principais acontecimentos da cidade posteriores a 1454 – ano em que é interrompida a *Historia* de Poggio –, que propriamente o estabelecimento de uma *reflexão política voltada para o presente*, a partir de dados históricos sobre o declínio da cidade e enfraquecimento de sua aristocracia. Nesse sentido, concordo com De Caprariis, quando este afirma que não se trata de obra historiográfica; devo ressaltar, contudo, que discordo da justificativa empregada pelo crítico italiano, uma vez que este percebe uma cisão, a meu ver injustificável, entre política e história na obra de Guicciardini (sua famosa tese de que este teria evoluído *dalla política alla storia*; a partir da constatação do falimento de seus ideais políticos, o autor desencantado teria se dedicado à escrita da história nos últimos anos de sua vida). Esta dissensão não se sustenta, e ninguém a refuta melhor que Gennaro Sasso: “neste livro imaturo [*Storie Fiorentine*], porém rico de extraordinária inteligência, o historiador e o político (entenda-se o teórico político) foram obrigados a se desdobrar, dividir, entrar em

general introductions with philosophical reflections common to both classical and humanist historiography”.

¹² Sobre o caráter revolucionário da *Storia d'Italia*, conferir: GILBERT, F. *op. cit.*, pp. 271-301.

¹³ Cf. BIGNOTTO, N. *Maquiavel Republicano*, p. 182. “O historiador Maquiavel foi herdeiro de uma rica tradição, que combinava os escritores gregos e romanos com os humanistas do ‘quattrocento’ que, desde Petrarca haviam-se interessado pelos problemas históricos e historiográficos”.

conflito, produzindo a dilaceração, o contraste e por último, na tentativa de resguardar, na teoria política, a unidade, o destino singular de ‘inaturalidade’ do seu presente”.¹⁴

Quando afirmo que a *Storie* não deve ser tratada como obra historiográfica, o faço por uma razão distinta daquela sustentada por De Caprariis: por não se enquadrar no modelo humanista da “história verdadeira”, a *Storie* não poderia constituir, naquele contexto, um texto historiográfico; caso quisesse escrever uma história a ser aceita por seus pares, Guicciardini não poderia fugir aos padrões retóricos vigentes. Não quero dizer com isso que o texto não apresente preocupações históricas: o intuito de preservar a memória dos acontecimentos, a tentativa de estabelecer juízos imparciais, a pesquisa em arquivos de algumas famílias importantes, todos esses dados demonstram a ansiedade do autor em entender o presente à luz do passado. Isto não é suficiente, porém, para assegurar seu caráter historiográfico. Fournel e Zancarini sustentam com razão que a *Storie* se adequava a um tipo de escrita muito comum na época: os *textos privados*, destinados à leitura e ao arquivo familiar; assim, as gerações futuras poderiam ter acesso aos principais acontecimentos da cidade.¹⁵ Vale lembrar que o título *Storie Fioentine* não é original, tendo sido atribuído por críticos do século XIX, quando este texto, até então inédito, foi descoberto nos arquivos da família Guicciardini. O argumento de Rubinstein acerca do maior detalhamento da narrativa a partir do ponto em que a história de Poggio não contempla, não se mostra suficiente para demonstrar que se tratava de um texto de historiografia. Se fosse assim, por que razão o autor teria iniciado sua narrativa em 1378? Não seria suficiente começar onde Poggio parou? A necessidade de detalhamento não se devia muito mais à necessidade de ordenar eventos até então não tratados em lugar algum? Se quisesse continuar a obra de Poggio, por que razão Guicciardini não teria optado pelo modelo retórico dos humanistas de escrita da história? Por que motivo o

¹⁴ Cf. SASSO, G. “Guicciardini e Machiavelli”, p. 33. “E da questo punto di vista, proprio non potrebbe dirsi che il pensiero di questo scrittore procedette ‘dalla politica alla storia’; perché è vero piuttosto che, nati insieme in questo libro acerbo, ma pur ricco di straordinaria intelligenza, lo storico e il político (s’intenda, il teorico político) in lui furono come costretti a spararsi, a dividersi, a entrare in conflitto, producendo la lacerazione, il contrasto e da ultimo, nei tentativi che esegui di riguardare, nella teoria política, l’unità, il singolare destino di ‘inattualità’ del suo presente”.

¹⁵ Cf. FOURNEL, J. e ZANCARINI, J. *La politique de l’expérience. Savonarole, Guicciardini et le républicanisme florentin*, p. 299. “D’ ailleurs, le texte de Guicciardini n’est pas, contraire à ceux de Bruni, Bracciolini ou Scala, un texte quasiment officiel: il reste un texte privé, secret, dont les manuscrits sont conservés dans les archives familiales et ne sont pas surveillés jalousement par la Seigneurie, comme le furent ceux de Bruni”.

período entre 1454 e 1494 é tratado com brevidade, se comparado à narrativa que se estende de 1494 até 1509? Teria o autor iniciado uma revolução historiográfica, abortada por ele mesmo trinta anos depois, quando escreve a *Storia d'Italia* totalmente adequada aos padrões retóricos? Ou simplesmente não se tratava de uma história, mas de uma reflexão política sobre acontecimentos passados com vistas à iluminação do presente?

O fato é que a *Storie Fiorentine* possui claramente uma tese política – o que não ocorria nas histórias humanistas –, exatamente a de que a cidade passava, na primeira década do século XVI, por uma crise dos valores republicanos, crise esta que possuía duas causas evidentes: o domínio dos Medici entre 1434 e 1494, e a “anarquia” que imperava na República de 1494.¹⁶ Guicciardini busca, no passado florentino, um modelo capaz de orientar as ações da aristocracia de seu tempo, com vistas à recuperação tanto do prestígio quanto do poder político desta.¹⁷ Como afirma Roberto Ridolfi, “escrever era sempre, para ele, durante períodos de descanso, um estudo e um exercício visando a uma preparação para os negócios [públicos]”.¹⁸ Assim, pode-se dizer que a *Storie* consiste em um estudo sobre a história da cidade, com vistas ao esclarecimento das causas da degradação dos valores republicanos, e à definição de um modelo adequado de reforma do *reggimento*.¹⁹

A concepção de reforma da cidade discutida na *Storie* se mostra bem diferente daquelas que elaborará em seus textos posteriores a 1512: ao invés de uma análise efetiva da constituição e das leis – como fará no *Discorso di Logrogn* e no *Dialogo del reggimento di Firenze* –, Guicciardini contenta-se nessa obra de juventude com o recurso a um passado idealizado, capaz de servir como arquétipo para as transformações almejadas no presente. Como afirma Gennaro Sasso, a *Storie* tematiza a decadência da aristocracia florentina, ao longo

¹⁶ Nesse sentido, afirma Peter Bondanella: “In one sense, therefore, the work represents a critique of both Medici tyranny and republican demagoguery with its accompanying anarchy”. *op. cit.*, p. 31.

¹⁷ Cf. SASSO, G. *op. cit.*, p. 21.

¹⁸ Cf. RIDOLFI, R. *op. Cit.*, p. 23. “Writing was always for him, during periods of ‘idleness’, a study and an exercise to prepare himself for affairs”.

¹⁹ Nesse sentido, afirmam Fournel e Zancarini: “Guicciardini veut faire l’histoire de ce qui est important pour lui afin de comprendre et d’agir *dans* son temps. Plus que retrouver la continuité d’une tradition citadine, derrière et malgré l’écume des événements marquants et des épisodes surprenants, plus qu’inscrire la narration de l’histoire florentine dans la longue durée de la vie de la cité depuis ses origines plus ou moins mythiques, il veut mettre en évidence ce qui est essentiel pour saisir l’inédit, la nouveauté du présent”. *op. cit.*, p. 298.

do século XV, que culminará nos desmandos e falta de amor à coisa pública que caracterizavam, para o Guicciardini, a República de 1494.²⁰ Adiante, veremos como o escritor florentino tratou o problema da decadência dos valores republicanos no período de Cosimo e Lorenzo de' Medici, valores estes associados a uma visão aristocrática da política (*ottimati*), calcada nas idéias de virtude do governante, liberdade, concórdia civil e harmonia – exatamente os pressupostos defendidos pelos teóricos do auto-governo dos séculos XII e XIII (Viterbo, Latini, etc.) e pelos humanistas cívicos.²¹ Nesse sentido, o republicanismo popular dos *Ciampi* constituiu para Guicciardini, assim como para os humanistas do início do século XV, um paradigma negativo, exemplo de desmando e caos que poderia levar Florença a um estado de ruínas. As análises do autor sobre a República de 1494, que correspondem à maior parte da *Storie Fiorentine*, serão feitas no próximo item deste capítulo; a seguir, enfocarei a primeira parte do texto, que vai de 1378 até a queda dos Medici. Vale ressaltar que a *Storie* possui diversos capítulos sobre a política externa florentina, os quais não serão discutidos aqui, uma vez que o objeto central deste estudo é a idéia de bom governo em Guicciardini, de modo que a ênfase analítica recairá sobre os capítulos que tratam da condução dos assuntos internos.

Guicciardini busca, nos primeiros capítulos da *Storie*, um contraponto ideal para a República de 1494, e encontra-o no próprio passado da cidade, precisamente na época em que o humanismo cívico experimentou seu auge: o período entre a queda dos *Ciampi* (1378) e a ascensão de Cosimo de' Medici (1434). O autor define esta época como o momento áureo da República florentina, marcado pelo equilíbrio e harmonia, período em que justiça, prudência e harmonia reinavam absolutas na cidade. O relato começa “nel 1378 sendo gonfaloniere di giustizia Luigi di messer Piero Guicciardini”,²² ano em que eclode o movimento dos *Ciampi*. Começar com a referência a um parente distante não se deve apenas a uma mera coincidência de datas: o autor procura enfatizar nesta passagem a antiguidade das principais famílias florentinas – e a sua era uma das mais antigas

²⁰ Cf. SASSO, G. *op. cit.*, p. 21.

²¹ Assim, Guicciardini demonstra seu vínculo à tradição, ao defender os princípios do bom governo perpetuados por gerações, sem cogitar colocá-los em xeque. Nesse sentido, Guicciardini pode ser chamado de tradicionalista, no sentido atribuído por Karl Mannheim a este termo. Cf. MANNHEIM, K. “Conservative Thought”. In: *From Karl Mannheim*, p.153.

e importantes –, que por séculos teriam conduzido com habilidade os assuntos da cidade. Dentre as razões enumeradas para a eclosão do movimento, o autor considera como a principal exatamente a divisão ocorrida entre os cidadãos – aqueles que efetivamente participavam da condução dos assuntos públicos. Os setores das elites insatisfeitos com as sucessivas reeleições dos *Oito de Guerra* se aliaram às camadas populares, com o objetivo de utiliza-las como escada para a tomada do *stato*: a divisão da cidade estaria assim no fulcro dos acontecimentos de 1378.²³ Como a manobra não surtiu efeito, o que se presenciou em seguida foi a instauração de um governo popular, sustentado pelas guildas e pelas diversas corporações da cidade.²⁴ O governo ficou, utilizando palavras do próprio autor, não mãos de “plebeus e [da] multidão, e não com os nobres”,²⁵ o que teria causado um grande desequilíbrio na organização e divisão dos principais cargos públicos. Durante quatro anos, teria havido na cidade uma série de “cose brutte”, como o assassinato de Piero di Filippo degli Albizzi, homem de família nobre, considerado pelo autor como o mais ilustre cidadão florentino.²⁶ Depois da queda dos *Ciampi*, em 1382, a cidade passou ainda por alguns anos de turbulência, até que em 1393 uma série de leis restaura a antiga ordem, permitindo que, por 27 anos, os “sábios” e “nobres” pudessem governar adequadamente:

“Naquela época os tumultos eram muito freqüentes na cidade, até que, em uma assembléia geral [*parlamento*] de 1393 se fechou o governo [*si fermò lo stato*], tornando-se *gonfaloniere* de justiça Maso degli Albizzi, o qual, para vingar seu tio Piero, excluiu de Florença quase todos os Alberti, e deixou o governo nas mãos de homens de bem e sábios, e [a cidade] manteve-se em grande união e segurança até 1420”. (*Storie Fiorentine*, p. 79).²⁷

²² *Storie Fiorentine*, p. 77.

²³ *Ibid.*, p. 77. “...succese la noviltà de’ Ciompi, di che furno autori gli Otto della guerra, e’ quali per essere stati raffermati più volte in magistrato, s’avevano recata adosso grande invidia e grande contradizione da’ cittadini potenti, e per questo si erano rivlti a’ favori della moltitudine”.

²⁴ *Idem.* “Il che fu per non riuscire perché e’ Ciompi, preso lo stato e creato e’ magistrati a loro modo e non a arbitrio degli Otto, volveno potere tumultuare ogni dì la città, e non arebbono gli otto potuto ritenergli”.

²⁵ *Ibid.*, p. 78.

²⁶ “... e’ quali com questo favore popolare governorono ter anni la città, e feciono in quel tempo molte cose brutte, e massime quando senza alcuna colpa, ma solo per levarsi dinanzi gli avversari loro, tagliarono el capo a Piero di Filippo degli Albizzi che soleva essere el più reputato cittadino di Firenze...”. *Idem.*

²⁷ “Ebbe la città in quegli tempi più volte molti tumulti, e finalmente con un parlamento si fermò lo stato nel 93, sendo gonfaloniere di giustizia messer Maso degli Albizzi, el quale in vendetta di

Neste período (1393-1420), Florença teria permanecido unida e forte, demonstrando a todos os outros Estados a força e a grandeza de seu povo: prova disso teria sido a resistência de doze anos ao duque milanês Giangaleazzo Visconti²⁸ – evento este que servirá como base para a teorização de Hans Baron acerca da gênese do humanismo cívico. Finda a guerra, “quando todos acreditavam que a cidade estaria esgotada”,²⁹ deu-se a conquista de Pisa, com o início da expansão territorial tão celebrada por diversos autores do período.³⁰ Assim, assegura Guicciardini, teria havido “tantos êxitos” entre 1393 e 1420, que “a cidade se conservou livre, unida, e governada por homens de bem, e externamente [*e fuora*] derrotou inimigos muito fortes”.³¹ Dentre os aristocratas que tomavam parte nos assuntos públicos, uma figura adquire ampla evidência: Maso degli Albizzi, que constituirá para Guicciardini o modelo de governante virtuoso e bom cidadão, em quem os *ottimati* – famílias estabelecidas há muito tempo na cidade, de origem mercantil, que se viam como classe predominante, verdadeira aristocracia por nobreza e *virtù* –³² deveriam se modelar.³³

Os aspectos louvados pelo autor correspondem exatamente aos princípios ciceronianos do bom governo: a concórdia, o equilíbrio das classes, e o governo virtuoso, ordenados pela perseguição da idéia de justiça. Seus argumentos corroboram aqueles dos humanistas cívicos: o patriotismo é tido em alta conta, assim como a valorização do governo livre, entendido como ausência de

Piero suo zio, cacciò di Firenze quase tutti gli Alberti, e rimase el governo in mano di uomini da bene e savi, e com grandíssima unione e sicurtà si continuò insino presso al 1420”. Ibid., p. 79.

²⁸ Idem.

²⁹ “... ed a pena sendo usciti di questa guerra, credendosi che la città fussi esausta e per carestia di danari per riposarsi qualche tempo, fecino la impresa di Pisa, nella quale, e nella compera e nella espugnazione, spesono una somma infinita di danari”. Idem.

³⁰ Cf. HÖRNQVIST, M. “The two myths of civic humanism”. In: HANKINS, J. (org.). *Renaissance Civic Humanism*, p.109. Neste artigo, o autor sustenta que, para os humanistas cívicos, a expansão da cidade e a conquista territorial não se chocava com a visão republicana, isto porque a fonte romana a qual eles se referiam tratava com clareza desta relação entre grandeza da república e expansão territorial: “The roman perspective, which we find fully developed in Livy, Sallust, and Cícero, was transmitted to the Renaissance and appropriated by the florentine humanists at the turn of the Quattrocento”.

³¹ *Storie Fiorentine*, p. 80. “... e finalmente ebbono tanti successi, e nella città che si conservò libera, unita e governata da uomini da beni e buoni e valenti, e fuora, che si difesono da inimici potentissimi...”

³² Cf. POCOCK, J. *The Machiavellian Moment*, p. 101. Assim Pocock define os *ottimati*: “those long-established families, rather mercantile than noble in their origins, who could see themselves as a hereditary ruling class or predominant element, distinguished by prudence, experience, and other ruling qualities above the average...”

³³ Genaro Sasso destaca a importância de Maso degli Albizzi nas *Storie Fiorentine*. A decadência da aristocracia notada por Guicciardini tornava necessária a eleição de um modelo, em que o autor se baseasse para a construção de sua aristocracia ideal. *op. cit.*, pp. 20-32.

dominação estrangeira ou de um tirano.³⁴ O equilíbrio entre as classes materializa-se na ausência de discórdias civis, possibilitada pela condução dos negócios públicos segundo as virtudes cardeais. Em sua análise da *Storie*, Vittorio de Caprariis sustenta que este período correspondia, para Guicciardini, ao modelo ideal de *reggimento* para a cidade de Florença.³⁵

No intervalo entre 1420 e 1434, a cidade volta a ser palco de conflitos intestinos, que culminam com a ascensão dos Medici, entendida por Guicciardini como o acontecimento crucial para a degradação da vida pública que afetava Florença no período em que escrevia sua história (o momento republicano de 1494, governo demasiado “largo” para seus padrões aristocráticos). Produziu-se, durante estes quatorze anos de lutas internas, uma divisão da cidade em duas facções: uma comandada por Niccolò da Uzzano, “homem muito sábio e amante da liberdade”, e a outra liderada por Giovanni di Bicci de’ Medici, e posteriormente por seu filho Cosimo de Médici.³⁶ Em 1433, Cosimo é expulso da cidade, mas consegue retornar logo em seguida, sendo aclamado chefe de governo, ainda que não exercesse nenhum cargo direto na República.³⁷ O patriarca bane diversos indivíduos classificados por Guicciardini como pessoas sábias, nobres e de reputação, e cerca-se de homens “vis” e “mediócras”, que pouca experiência tinham na condução dos assuntos da cidade.³⁸ Esta escolha teria incidido decisivamente para a crise dos ideais de *vivere civile*, uma vez que as decisões concentravam-se nas mãos de uma única família, que controlava o processo eleitoral, garantindo a homens sem *vera nobilitas* os principais cargos públicos.³⁹ O que não impede Guicciardini de elogiar a política externa dos

³⁴ O entendimento da liberdade como “ausência de dominação” foi sustentado, primeiramente, por PETIT, P., em *Republicanism: a theory of freedom and government*, tendo uma aceitação bastante ampla pela crítica contemporânea. Em “The republican ideal of political liberty”, pp. 293-309, Quentin Skinner oferece um panorama sobre os conceitos de liberdade no Renascimento, assim como os diversos entendimentos da crítica contemporânea esse respeito.

³⁵ Cf. DE CAPRARIIS, V., *op. cit.*, p. 34.

³⁶ *Storie Fiorentine*, p. 80. “Dal 1420 poi al 1434 venne la guerra del duca Filippo, e la divisione della città in due parte: d’una di quale era a capo Niccolò da Uzzano, uomo riputato molto savio ed amatore della libertà; dell’altra Giovanni di Bicci de’ Medici e di poi Cosimo su figliuolo...”.

³⁷ *Ibid.*, p. 81.

³⁸ *Ibid.*, p. 82. “Tornato Cosimo e fatto capo del governo, e fatta fare una balia di cittadini, per sicurtà dello stato cacciò di Firenze in grandissimo numero tutti gli avversari sua, che furono molte famiglie nobilissime e richissime, ed in luogo di quelle cominciò a tirare su di molti uomini bassi e di vile condizione”.

³⁹ *Ibid.*, p. 83. “Legò Cosimo lo stato col fare dare a um numero di cittadini balia per anni cinque, e fece squittini di tutti e’ magistrati della città drento e di fuori; e nondimeno, per la autorità aveva la balia, e’ signori quase sempre a suo tempo non si trassono a sorte, ma si eleggevano dagli

Medici, a qual teria garantido a entrada de Francesco Sforza em Milão, propiciando assim uma aliança duradoura contra os venezianos; o ápice desta política se deu na “paz de Lodi”, a qual permite a Florença permanecer por muitos anos sem conflitos externos.⁴⁰

Cabe ressaltar um aspecto importante: na *Storie Fiorentine*, Guicciardini utiliza diversas vezes a palavra nobre, e suas variantes (*nobile*, *nobilissime*). Da mesma forma, os governantes virtuosos são geralmente considerados sábios (*savi*), homens dotados de experiência (*esperienza*) e reputação (*reputazione*). A palavra prudência (*prudenzia*) é pouco utilizada, ainda que apareça em certos momentos, como no retrato detalhado que traça de Lorenzo de’ Medici; o trecho, porém, é de pouca relevância, uma vez que seu uso se dá no meio de uma discussão sobre a vida sexual do “Magnífico”.⁴¹ Este é um dado crucial, pois, em seus textos posteriores, Guicciardini tratará a *prudenzia* como a mais alta disposição necessária para a condução dos negócios públicos. Na *Storie*, contudo, seu uso é escasso, e não possui particularidade alguma, podendo ser substituída por expressões similares sem prejuízo algum para as reflexões. A palavra *savi* aparece com maior frequência; a *prudenzia*, na *Storie*, é empregada como sinônimo de sabedoria, o que realça a adequação de Guicciardini ao modelo ciceroniano, ao menos nessa fase de sua vida. De fato, não existe na *Storie* uma reflexão aprofundada acerca do uso destas noções, o que pode ser explicado pelo aspecto tradicionalista de Guicciardini. Este será um diferencial em relação aos seus textos posteriores, já que, como veremos nos capítulos seguintes, o conceito de *prudenzia* passará a desempenhar um papel importante em suas reflexões posteriores a 1512. Se tivesse que destacar um conceito central na *Storie*, este seria o de nobreza, que não deve ser tomado unicamente como o nobre de nascimento, ainda que o pertencimento a uma família tradicional representasse no

accoppiatori a modo suo; e quando era atempo de’ cinque anni che durava la balia, faceva prorogare quelle autorità per altri cinque anni”.

⁴⁰ Nicolai Rubinstein afirma que a paz de Lodi “had put an end, in 1454, to a succession of wars which had begun in the 1420’s”. Cf. RUBINSTEIN, N. “Itlian Political Thought (1450-1530)”. In: BURNS, J. *The Cambridge History of Political Thought. 1450-1700*, p.30. A passagem em que Guicciardini se refere a este evento nas *Storie*: “Fatta di poi la pace in Lodi fra ‘l duca fiorentini da una parte, ed e’ viniziani dall’altra, e di poi a Napoli pace e lega universale di tutta Itàlia, ecceto e’ genovesi e Sigismondo Malatesta signore di Rimino, la città stette molti anni senza guerra...”. *Storie Fiorentine.*, p. 88.

⁴¹ *Storie Fiorentine*, p. 179. “Cosa pazza a considerare che uno di tanta grandezza riputazione e *prudenzia*, di età di anni quaranta, fussi sì preso di una donna non bella e già piena di anni, che si conducessi a fare cose che sarebbono state disoneste a ogni fanciullo”. (grifo meu).

geral um atalho para a *vera nobilitas*. Diferentemente do que fará em seus textos seguintes, na *Storie Fiorentine* Guicciardini defende o governo *stretto* dos *ottimati*, com o mínimo de participação popular, baseado em uma idéia de nobreza que, ainda que não se fechasse no pertencimento a uma família tradicional, estava em grande medida relacionada às grandes estirpes.⁴²

Após a morte de Cosimo, e o breve período de Piero de' Medici no comando da cidade, passou a exercer a primazia Lorenzo, neto do patriarca. Na faixa dos vinte anos, Lorenzo se mostrou extremamente habilidoso no trato dos assuntos internos; utilizando-se dos mesmos métodos empregados por seu avô, garantiu o controle nas eleições, alcançando assim um poder ainda maior que o de seus antepassados:⁴³ segundo Guicciardini, Lorenzo “guiava-se por suas próprias idéias e opiniões contra a vontade de todos os outros, e cuidava com muita atenção para que na cidade ninguém adquirisse poder a ponto de causar-lhe preocupações”.⁴⁴

Em 1478, um episódio marcou a última tentativa de retorno ao modelo republicano do período de Maso degli Albizzi: a conjuração dos Pazzi, que tentou banir os Medici de Florença; este movimento teria representado, para Guicciardini, o último fio de esperança em um retorno ao período áureo das grandes famílias, caracterizado pela concórdia cívica e condução virtuosa da *res publica* por homens de reputação.⁴⁵

Os Pazzi eram uma das estirpes mais ricas de Florença; tidos como “liberais” e “esplêndidos”, representavam um grande perigo para Lorenzo.⁴⁶ Iacopo, o patriarca, não participava ativamente da vida pública; dedicava-se preferencialmente ao comércio, preferindo abster-se dos negócios da cidade, considerados degradantes naqueles dias pelos grupos aliados da repartição dos

⁴² Cf. BARBUTO, G.M., *La politica dopo la tempesta. Ordine e crisi nel pensiero di Francesco Guicciardini*, p. 56.

⁴³ *Storie Fiorentine*, p. 110. “Di che lo stato si assicurò, e Lorenzo ne acquisistò grandissima riputazione e forze; in modo che cominciando a pigliare più, dette principio a volere essere arbitro della città lui ed a non si lasciare governari da altri, ma più tosto avere cura non si facessino troppo grandi messer Tommaso e gli altri che avevono riputazione e seguito di parentado”.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 117. “...nondimeno in molte cose seguitava solo el suo consiglio e parere contro alla volontà degli altri e teneva precipua cura che nella città non si facessi alcuno sì potente che lui avessi cagione da temerne”.

⁴⁵ Sobre a conjuração dos Pazzi, cf. BRUCKER, G. *Renaissance Florence*, p.258. “The most dramatic incident of political opposition was the Pazzi rebellion of 1479, which possesses all of the colorful features of Renaissance conspiracies, including sacrilege and assassination”.

⁴⁶ *Storie Fiorentine*, p. 118. “Pareva a Lorenzo de' Medici che questa casa fussi troppo grande e che, ogni favore che si gli dessi, crescerebbe tanto che sarebbe pericolosa allo stato suo”.

cargos e honras públicas. Uma série de fatores conjugados fez com que, em 1478, os Pazzi se envolvessem em uma conspiração contra os Médici. O papa Sixto IV possuía atritos severos com Lorenzo, acerca da posse de Ímola, cuja compra era almejada pelos dois lados. Os Pazzi tomaram parte no negócio, emprestando dinheiro para o papa, o que teria causado a ira de Lorenzo,⁴⁷ que em represália promulgou uma lei prejudicial aos interesses comerciais da família; Iacopo se vira, assim, diante de uma encruzilhada: ou os Pazzi tentavam uma conspiração, ou presenciavam a queda contínua de seus lucros. Instigados por inimigos históricos dos Medici, como Francesco Salviati, os Pazzi articularam então o conluio, que tinha por objetivo a eliminação de Lorenzo e de seu irmão Giuliano, assim como a expulsão da cidade de seus partidários mais próximos. A idéia era assassinar os dois durante uma cerimônia religiosa, a ser celebrada na catedral florentina; no momento em que estivessem sendo executados, o patriarca Iacopo percorreria as ruas florentinas gritando “liberdade!”, na busca de apoio popular para a rebelião.⁴⁸ Renato Pazzi, seu sobrinho – tido como um dos homens mais sábios e respeitáveis da cidade⁴⁹ –, considerou a conjuração um golpe arriscado, uma vez que as conseqüências de um fracasso seriam gravíssimas. Achava Renato que o poder de Lorenzo ruiria aos poucos, já que, cada vez mais, o líder dos Medici adquiria inimigos entre os grandes homens da cidade, além de conduzir mal os negócios da família. Sua posição, porém, foi minoritária, e em abril de 1478 os preparativos da rebelião se encontravam em grau avançado.⁵⁰

Logo após o início da missa que serviria de cenário para o golpe, foram ouvidos os gritos de Giuliano de’ Medici, apunhalado e morto por Franceschino Pazzi, que caminhava a seu lado na Igreja.⁵¹ Lorenzo, na outra extremidade do

⁴⁷ Idem. “...quando Sisto fu fatto papa, avendosi a vendere Imola, Lorenzo, desideroso che la città comperassi Imola e considerando che per essere el papa nuovo nello stato, non aveva danari da comperarla se non ne fussi servito o da sé che era suo depositário, o da’ Pazzi che erano sua tesorieri, gli pregò non lo servissino di danari, acciò che non la potendo comperare el papa, Imola nelle mani nostre”.

⁴⁸ Ibid., p. 123. “... messer Iacopo era in casa a ordine per montare a cavallo e, correndo per la città, gridare ‘libertà’ per sollevare el popolo”.

⁴⁹ Ibid., p. 118. “...Renato, tenuto uomo sávio e di più cervello che alcuno che fussi in casa e, fuora del solito della famiglia, benvoluto dal popolo”.

⁵⁰ Ibid., p. 125. “Renato fu *etiam* impiccato el dì medesimo. Costui prevendo molto innanzi quale fussi la intenzione di messer Iacopo e degli altri contro a Lorenzo, gli aveva confortati avessino pazienza e lasciassino fare al tempo, perché Lorenzo nelle mercantie era in tanto disordine che in pochi anni bisognava fallisi...”

⁵¹ Ibid., p. 122. “... e come era dato lo ordine ed el segno, Franceschio de’ Pazzi che andava per chiesa a braccia com Giuliano, l’assaltò ed amazzollo. Da altro canto um ser Stefano cancelliere di messer Iacopo com alcuni altri furno adosso a Lorenzo e non bastando loro interamente l’animo, lo

salão, foi ferido no ombro, sem gravidade porém. O efeito da conjuração não foi aquele esperado pelos rebeldes: o povo, chocado com a tentativa de assassinato dos líderes da cidade durante uma cerimônia religiosa, tomou o partido dos Medici, encurralando os conspiradores no palácio da *Signoria*, onde já se encontravam, prontos para perpetrar a tomada do *stato*, Salviati, alguns dos Pazzi e outros aliados. Ao gritar “liberdade!” pelas ruas florentinas, Iacopo não conseguiu mobilizar a revolta da população: foi preso, e morto logo em seguida, juntamente com outros líderes do movimento. As moças da família foram proibidas de casar por um período, confiscou-se seus bens, e os que não foram mortos acabaram enviados para o desterro na prisão de Volterra.⁵²

A conjuração dos Pazzi marcou, para Guicciardini, o último suspiro de um republicanismo *ottimati*, calcado na nobreza, experiência e virtude das grandes famílias na condução da cidade. O que se viu, nos anos subseqüentes, foi um fortalecimento do poder pessoal de Lorenzo, e uma acomodação dos nobres a esta situação de subordinação à autoridade de um só homem, ainda que o domínio exercido pelos Medici entre 1434-94 não possa ser considerado propriamente uma tirania.⁵³

“Este tumulto foi muito perigoso para Lorenzo, que se viu prestes a perder o poder, o *stato* e a vida, mas lhe deu tanta reputação, que aquele dia pode ser considerado por ele como felicíssimo: morreu Giuliano, seu irmão, com quem teria que dividir o poder; foi aclamado pelo povo, que banuiu seus inimigos e homens suspeitos. O povo pegou em armas a seu favor, e na dúvida se estivesse vivo, correu à sua casa

ferirono in sulla spalla; lui si cominciò a discostare e, tratto fuori un pugnale, a difendersi, e concorrendovi brigata, cominciò a ridursi in salvo, ed in quello furore fu morto Francesco Nori che era seco”.

⁵² Ibid., p. 126. “Fu confiscata la roba di tutti, levate le arme per la città, ordinato che alcuni rimasono di quella famiglia mutassino, massime nelle cose del palagio, el nom, fatto decretto che le figliuole e sorelle de’ morti e confinati non si potessino per alcuno tempo maritare. El quale decreto fu parecchi anni poi levato via, e quegli incarcerati a Volterra furono confinati in perpetuo del territorio e cavati di carcere”.

⁵³ Gene Brucker lembra que, apesar da grande concentração de poder nas mãos dos Medici, nunca houve poder absoluto de fato na cidade: “The application of these institutional controls was very gradual and sporadic, and legislative opposition sometimes forced the Médici to abandon temporarily their plans for electoral and constitutional reform. Even though Médici authority in the regime increased progressively, it never became absolute, and the republic was not transformed into na autocratic despotism”. *op. cit.*, p. 257.

para vê-lo. Apresentou-se na janela com grande felicidade para todos e, finalmente nesse dia foi, reconhecido como senhor da cidade”. (*Storie Fiorentine*, p. 126).⁵⁴

Como será discutido no capítulo 8, o efeito dessa concentração de poder teria sido, para Guicciardini, a causa suprema da destruição da liberdade republicana, e dos valores do bom governo que teriam norteado a cidade no período do humanismo cívico, após a queda dos *Ciampi* e o estabelecimento do regime aristocrático. Os homens teriam se tornado “efeminados”, dependentes de um senhor, incapazes de governarem a si mesmos:⁵⁵ “o *popolo* e o *universale* se tornam escravos; o *stato* se torna hereditário e com freqüência de um sábio passa a um louco”.⁵⁶ Mesmo quando os Medici são expulsos de Florença, em 1494, não se consegue organizar uma República fundada no modelo ciceroniano do equilíbrio, concórdia e virtude dos governantes: o “governo largo”, calcado na autonomia e preponderância do *Consiglio Maggiore*, apenas inverteria, segundo Guicciardini, o tipo de senhorio: das mãos de uma família e seus asseclas, a cidade passa a ser controlada pela tirania da maioria.

A liberdade, elemento central da organização republicana, consistia, para o escritor florentino, no meio termo entre “tirania” e “licenciosidade”:⁵⁷ a passagem dos Medici para a República de 1494 teria representado uma rápida guinada de um extremo ao outro, sem respeitar o caminho do meio, exatamente o governo daqueles mais capazes de garantir a grandeza e autonomia da cidade, aptos a beneficiar da mesma maneira os *grandi* e o *universale*. Tanto no período de preponderância de uma só família quanto na época da vigência do modelo republicano popular, o princípio do governo misto não teria sido respeitado, acarretando o próprio declínio da idéia de bem comum, o qual se torna secundário ante as necessidades e interesses individuais. A crise deste modelo demandava um novo olhar para a política, mais agudo e atento às particularidades e exigências

⁵⁴ *Storie Fiorentine*, p. 126. “Questo tumulto fu di pericolo assai a Lorenzo di perdere e ki stato e la vita, ma gli dette tanta riputazione ed utilità, che quello di si può chiamare per lui felicissimo: morigli Giuliano suo fratello, col quale arebbe avuta a dividere la roba, e lo stato messo in contesa; furongli levati via gloriosamente e col braccio publico gli inimici sua e quanta ombra e sospetto aveva nella città; el popolo prese le arme per lui e, dubitando della vita, corse a casa gridando volere vederlo, e lui si fece alle finestre com grande gaudio di tutti, e finalmente in quello giorno lo ricognobbe padrone della città”.

⁵⁵ Estes pontos serão retomados na análise sobre o *Discorso di Logrognno*, no capítulo 8.

⁵⁶ *Storie Fiorentine*, p.127. “...el popolo e lo universale ne rimane schiavo; vanne lo stato per eredità e spesse volte di uno savio viene in uno pazzo, che poi dà l’ultimo tuffo alla città”.

inerentes à condução de um *stato*: é o que Guicciardini fará a partir de 1512, em seus textos políticos. Antes de discutir essa guinada, faz-se necessário analisar o diagnóstico do escritor florentino acerca da República de 1494, efetuada nos capítulos restantes da *Storie Fiorentine*, uma vez que é exatamente a falha na proposição de uma reforma adequada do *reggimento* da cidade o que levará o autor a rever boa parte dos alicerces que nortearam suas reflexões nessa obra de juventude, sem que essa guinada implicasse um abandono dos princípios do bom governo herdados da tradição. Do diagnóstico da crise, e da incapacidade de lidar adequadamente com ela, surge a necessidade de um novo olhar para a política, que se fará ver já no *Discorso di Logrogno*, de 1512.

5.2 A crítica da República de 1494.

Assim Guicciardini descreve a situação de Florença em 1492, ano da morte de Lorenzo de' Medici:

“A cidade estava em grande paz, unidos e integrados os cidadãos do *stato* [*cittadini dello stato*]; o governo [*reggimento*] era tão forte que ninguém se atrevia a contradizê-lo; todos os dias o povo se divertia com espetáculos, festas e novas coisas; não faltava comida, pois havia abundância de víveres na cidade...” (*Storie Fiorentine*, p. 171).⁵⁸

Não devemos nos enganar: a paz e a união descritas acima se deviam exclusivamente à força dos Medici, que em sessenta anos de preponderância deram fim, às custas da própria vida política, às discórdias civis. Guicciardini descreve a degradação de modo sutil, quicá irônico. A referência ao “pão e circo” demonstra a fragilidade da vida pública naqueles dias: para manter o *stato*, bastava que o governo agradasse à plebe, e conservasse um grupo de amigos leais ao redor, ocupando os principais cargos da República. Florença havia chegado a

⁵⁷ Ibid., p. 390. “... se non si ordinavano le altre parte che si richieggono a una republica che voglia conservarsi libera e fuggire gli estremi della tirannide e della licenzia”.

⁵⁸ “Era in somma pace la città, uniti e stretti e' cittadini dello stato, e quello reggimento in tanta potenza che nessuno si ardiva contradirlo; dilettavasi el popolo ogni dì di spettacoli, di feste e cose nuove; nutrivase col'essere la città abundante di vettovaglie...”

um estágio em que o *vivere civile* resumia-se ao cumprimento de certas obrigações, e à participação nas festividades e nos procedimentos eleitorais, manipulados pelos Medici, que controlavam os pleitos e sorteios das principais magistraturas da cidade.⁵⁹

Algumas poucas famílias, subservientes a Lorenzo, sustentavam o regime que, somente em poucos momentos, lembrava as glórias cívicas do tempo de Maso degli Albizi e da administração dos *ottimati*.⁶⁰ O sarcasmo tilinta na passagem transcrita acima: não era a cidade que estava unida e integrada, mas os *cittadini dello stato*, ou seja, aqueles que ocupavam os cargos e honras públicas, ligados à família do “Magnífico”. Maurizio Viroli lembra que, para os pensadores florentinos do início do XVI, a palavra *stato* possuía diversas acepções; uma das mais usuais, encontrada em vários momentos do *Príncipe* e dos textos políticos de Guicciardini, era a de posse de um domínio por parte de um grupo ou família, comando muitas vezes ilegítimo.⁶¹ *stato* e *res publica* eram vocábulos empregados quase sempre em sentido excludente.⁶² Um exemplo deste uso é o discurso escrito por Guicciardini em 1516, em que são propostos mecanismos eficazes para que os Medici assegurassem por um bom tempo seu *stato*.⁶³ Trata-se, aí, não da *arte do bom governo*, mas de uma série de aconselhamentos calcados na experiência e na “razão prática”, os quais Maurizio Viroli denominou “arte do estado”; suas preocupações centrais consistiam na preservação e aumento das possessões principescas ou republicanas, opondo-se em grande medida à arte do bom governo, que visava exatamente à paz e concórdia dos cidadãos unidos

⁵⁹ Cf. *Storie Fiorentine*, pp.141-148.

⁶⁰ Cf. BRUCKER, G. *op. cit.*, p. 257. “The regime established after Cosimo’s return from exile in 1434, and continued by his son Piero and his grandson Lorenzo, was based upon the close cooperation of the Medico and a small group of patrician families, for their mutual advantages and security”.

⁶¹ Maurizio Viroli destaca que, no *Príncipe*, Maquiavel não usa a palavra político, mas *stato*, justamente para enfatizar a diferença entre a arte do bom governo e a arte do estado: “Machiavelli did not use the word *politics* or its equivalent in *The Prince* because he was not writing about politics, as he understood the term”. Cf. VIROLI, M. *From politics to reason of state*, p. 132.

⁶² *Ibid.*, p. 3. “the art of the state and the art of the republic aim to establishing and preserving two alternative arrangements of public life”

⁶³ Cf. *Del modo di assicurare lo stato alla casa de’ Medici*, p. 53. “El disporre di una città e dominio a questo modo, dà potenza e riputazione grande, essendo delle principali città e stati d’Italia: possono, vivente el pontefice, valersi assai della opportunità e potenza di qui a *acquistare stati* e colorire e’ loro disegni: morto el pontefice, chi non vede quanto importerà questo braccio a mantenersi quello che aranno acquistato?” *Gli altri statida* loro medesimi saranno difficile anzi difficilime a conservarli, perché saranno nuovi...”. (grifos meus).

pela justiça.⁶⁴ Na *Storie Fiorentine*, porém, a arte do bom governo constitui ainda o modelo “teórico” mobilizado pelo autor na construção de seus juízos; como vimos anteriormente, Guicciardini procurava no passado florentino, período de glórias e conquistas, ordem e justiça, virtude e liberdade, o modelo a partir do qual se pudesse reerguer uma República fundamentada em valores *ottimati*, oposta ao “governo largo” que prevalecia no momento em que redigia esta obra (1509-10). As alusões à arte do estado são escassas na *Storie*; ao referir-se aos *cittadini dello stato*, o autor acusa um tipo de prática, típica dos regimes principescos, em que uma certa família ou facção adquire ascendência em uma cidade, deixando em segundo plano a concórdia, a justiça, e o equilíbrio, que devem beneficiar a todos, e não somente aos grupos que sustentam o domínio de poucos, ou de um tirano.

Guicciardi insiste, assim como faziam os humanistas cívicos, na singularidade florentina: na *Storie Fiorentine*, ele afirma que a cidade era “muito livre no falar, cheia de inteligências sutis e inquietas”.⁶⁵ Lorenzo não teria, segundo o autor, respeitado essa singularidade; como resultado, suas ações acabaram contribuindo decisivamente para a decadência dos valores cívicos que haviam imperado na primeira metade do século XV.⁶⁶ Durante seu governo, apenas uma minoria dos cidadãos – e por cidadão Guicciardini entendia aqueles habilitados a participar da condução dos negócios públicos –, se encontrava satisfeita, e unicamente por interesses egoístas; a grande maioria dos homens sábios e nobres não podia, ou não queria, participar ativamente da política, o que contribuía para o declínio do *vivere civile*, levando homens pouco virtuosos ao exercício das principais responsabilidades republicanas.⁶⁷ O autor reconhecia, porém, os méritos de Lorenzo: o “Magnífico” possuía muitas virtudes, sobretudo aquelas que tornam um cidadão digno de elogios.⁶⁸ Grande mecenas, teria concluído tratados extremamente vantajosos para a cidade. Com essas palavras o

⁶⁴ Nesse sentido, afirma Viroli: “However, odd as it may sound to us, the contrast between the state of somebody, and republic, was a fundamental compinent of the language of politics in early modern Italy”. *op. cit.*, p. 3.

⁶⁵ *Storie Fiorentine*, p. 174. “...massime sendo questa una città liberissima nel parlare, piena di ingegni sottilissimi ed inquietissimi”.

⁶⁶ Peter Bondanella, baseado em Donald Weinstein, destaca a influência do retrato do tirano elaborado por Savonarola em seu *Tratatto del reggimento di Firenze*: “Guicciardini seems to have been influenced in his description of Lorenzo il Magnifico by the portrait of the tyrant given by Girolamo Savonarola in his *Treatise on the organization of Florence (Tratatto del reggimento di Firenze)*”. *Op. cit.*, p. 28.

⁶⁷ *Storie Fiorentine*, p.174. “...ed uno imperio piccolo da non potere cogli utili pascere tutti e’ cittadini, ma sendo necessario che, contentatane una piccola parte, gli altri ne fussino esclusi”.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 173. “Furono in Lorenzo molte e preclarissime virtù”.

escritor florentino conclui seu juízo sobre o líder da cidade: “Deve-se admitir que com ele a cidade não foi livre, porém seria impossível que houvesse um tirano mais agradável”.⁶⁹

Ao comparar Lorenzo com seu avô (Cosimo), na tentativa de definir qual dos dois teria sido mais virtuoso, Guicciardini tece maiores elogios ao segundo, uma vez que Lorenzo, ainda que possuísse diversas qualidades, respondeu unicamente pela manutenção do estado, enquanto seu avô derrotou diversas facções, montou as bases de um novo *reggimento*, e governou pacificamente por muitos anos, cuidando com a mesma acura dos assuntos públicos e familiares.⁷⁰ Assim, Cosimo é considerado pelo autor o maior “cidadão privado” que teria nascido em toda a Itália desde a queda de Roma.⁷¹ Na *Storia d’Italia*, texto de maturidade – escrito no final da década de 1530 –, o autor muda radicalmente seu juízo sobre o “Magnífico”. Se, na *Storie Fiorentine*, Lorenzo é responsabilizado pelo declínio do *vivere civile* florentino, na *Storia d’Italia* é apresentado como o artífice da paz⁷² que predominou na Península Itálica nas décadas de setenta e oitenta do século XV.⁷³ *Esta mudança de valoração se deve, no meu entender, ao papel que o conceito de “prudenzia” desempenhará nos escritos políticos de Guicciardini posteriores a 1512.*

Como foi dito anteriormente, na *Storie Fiorentine* a idéia de *prudenzia* tem um papel secundário, sendo utilizada poucas vezes, e sempre como sinônimo de sabedoria ou experiência. Neste texto, ela não possui uma característica semântica própria, capaz de distingui-la dos outros vocábulos utilizados em situações

⁶⁹ Ibid., p. 181. “Ed insomma bisogna conchiudere che sotto lui la città non fussi in libertà, nondimeno che sarebbe impossibile avessi avuto un tirano migliore e più piacevole”.

⁷⁰ Ibid., p. 182. “Nella quale quistione pare da conchiudere che Cosimo avessi più saldezza e più giudizio, perché lui fece lo stato, e da poi che l’ebbe fato, se lo godê trent’anni sicuramente, si può dire, e senza contradizione, comportando bene uno pari di Neri, e gli altri di chi aveva qualche sospetto, senza venire a rottura con loro e nondimeno in modo ne fussi sicuro”.

⁷¹ Ibid., p. 183. “Per le quali cose si può in effetto a mio giudizio conchiudere che, pesato insieme ogni cosa, Cosimo fussi più valente uomo; e nondimeno per la virtù e per la fortuna l’uno e l’altro fu sì grandissimo, che forse dalla declinazione di Roma in qua non ha avuto Italia uno cittadino privato simile a loro”.

⁷² Cf. *Storia d’Italia*, I, 2, p. 9. Sobre a morte de Lorenzo, afirma Guicciardini: “Ma e fu morte incomodissima al resto d’Italia, così per l’altre operazioni le quali da lui, pe la sicurtà comune, continuamente si facevano, come perché era mezzo a moderare e quase uno freno ne’ dispareri e ne’ sospetti i quali, per diverse cagioni, tra Ferdinando e Lodovico Sforza, principi di ambizione e di potenza quase pari, spese volte nascevano”.

⁷³ Vittorio de Caprariis afirma, sobre a mudança de juízo acerca do “Magnífico”: “...la polemica delle *Storie Fiorentine* più non esiste, ma vi è solo l’esaltazione della moderazione com cui si conduceva ‘e drento e fuori’, in contrapposizione alla política scervellata del figlio Piero”. Ele destaca ainda a “esaltazione del miracolo della quiete d’Italia”, característica da *Storia d’Italia*. *op. cit.*, p. 117.

semelhantes. Como veremos adiante, a *prudenzia* se torna, nos textos de maturidade de Guicciardini, um conceito central, o mais importante de seu discurso político, pois que representa a disposição dos homens de governo capazes de agir adequadamente e com rapidez, com *discrezione* e olhar penetrante. Se, na *Storie*, Guicciardini ressalta a prudência de Lorenzo apenas uma vez, em trecho de pouca relevância, na *Storia d'Italia* o autor não lhe poupa elogios, chamando-o diversas vezes de prudente; o “Magnífico” é tratado no texto de maturidade como o artífice do equilíbrio existente entre os diversos principados e Repúblicas de Península Itálica, nas últimas décadas do século XV.⁷⁴ Utilizando a terminologia empregada por Viroli, pode-se dizer que, na *Storie Fiorentine*, Guicciardini pautava-se unicamente pela arte do bom governo, enquanto em seus textos posteriores a arte do estado se tornará objeto central, ainda que – e esse ponto de vista sustento em discordância explícita em relação a Maurizio Viroli – o bom governo tenha estado sempre no horizonte das reflexões do escritor florentino, constituindo o “fim” visado em suas análises. Assim, a mudança de posição de Guicciardini sobre a atuação e o papel de Lorenzo se deve a uma modificação das perspectivas analíticas do autor, que procura estabelecer, a partir do *Discorso di Logrogno*, um novo olhar para a política, capaz de dar conta da ação efetiva dos governantes, em conformidade com os ideais de uma República bem organizada e virtuosa. Antes de examinar com mais profundidade os diversos elementos que incidiram para esta mudança de olhar, cumpre discutir os juízos estabelecidos por Guicciardini na *Storie Fiorentine* sobre a República de 1494, uma vez que a crítica do governo popular, e a tentativa infrutífera de propor uma reforma do *reggimento* modelada a partir do recurso a um passado ideal serão decisivas para a mudança de perspectiva operada pelo autor a partir do *Discorso di Logrogno*.

A morte de Lorenzo (1492) trouxe enorme confusão para dentro dos muros florentinos, uma vez que seu filho, Piero, além de não repetir os feitos do pai, tomou uma série de medidas desastradas que acabaram levando, em 1494, à ruína dos Medici. Guicciardini sustenta que suas ações teriam sido a causa fundamental

⁷⁴ Cf. *Storia d'Italia*. I, 2, p. 9. “Quando, nel mese di aprile dell’anno mille quattrocento novantadue, sopravvenne la morte di Lorenzo de’ Medici; morte acerba a lui per l’età, perché morì non finiti ancora quarantaquattro anni; acerba all’ patria, la quale, per la *riputazione e prudenza sua* e per lo ingegno attissimo a tutte le cose onorate e eccellenti...” (grifo meu).

dos males subseqüentes, como a instauração de uma República popular na cidade, e a invasão de Carlos VIII, que levou à perda de autonomia não só da cidade de Florença, mas também de outras Repúblicas e principados italianos. O escritor florentino vale-se de ironia para descrever a incapacidade política de Piero:

“O princípio de Piero foi tão impressionante [*grandi*], tendo em seu benefício a união da cidade e o apoio dos príncipes, que se a tanta *fortuna* tivesse correspondido *prudenzia* apenas mediana, sua autoridade teria se consolidado de tal maneira que seria quase impossível derrubá-lo; mas seu pequeno cérebro e a má sorte da cidade tornou fácil o que parecia não poder acontecer. No que me esforçarei [*io mi ingegnerò*] para mostrar não só os efeitos e as causas em geral, mas também, o mais detalhadamente que puder, as origens e as fontes de todos estes males”. (*Storie Fiorentine*, p. 185-6).⁷⁵

É interessante notar que, já na *Storie*, Guicciardini apresenta a intuição do que considerará, na *Storia d'Italia*, como a causa primeira da *calamità* italiana: os acontecimentos que sucederam a morte de Lorenzo, numa avalanche de erros e juízos equivocados dos governantes da Península, agindo com *poca prudenzia* e *troppa ambizione*.⁷⁶ Os equívocos de Piero levaram ao isolamento de Lodovico Sforza, o Mouro, duque de Milão, que se viu obrigado a recorrer ao rei de França Carlos VIII para garantir a segurança de seu *stato*: quebrava-se, assim, a concórdia entre Florença, Milão, Nápoles e o papado, que garantira, nas décadas anteriores, um período de paz entre os Estados: “estes foram os princípios e origens da ruína da Itália”.⁷⁷ O episódio marcou de tal maneira a geração de Guicciardini e Maquiavel que, como afirma Gene Brucker, os italianos “nunca mais se sentiram senhores de seu próprio destino”.⁷⁸

No que concerne ao *governo di drento*, a chegada de Carlos VIII implicou a queda dos Medici – uma vez que Piero havia se aliado ao rei napolitano contra os

⁷⁵ “Furono questi principi di Piero sì grande, avendo sì gagliardamente in beneficio suo la unione della città ed el favore de’ principi, che se a tanta fortuna e stato fussi pure mediocremente corrisposto la prudenzia, era in modo confitto in quella autorità, che era quasi impossibile ne cadessi; ma el suo poco cervello e la mala sorte della città feciono facilissimo quello che pareva non potessi essere. Nella quale cosa io mi ingegnerò di mostrare non solo gli effetti e le cagione in genere, ma ancora, quanto più particolarmente potrò, le origine e le fonte di tutti e’ mali”.

⁷⁶ *Storia d'Italia*, I, 1, p.3.

⁷⁷ *Storie Fiorentine*, p. 191. “Questi furono e’ principi e le origine della ruína di Italia...”

⁷⁸ BRUCKER, G. *op. cit.*, p. 267. “Never again in their history did they see themselves as the masters of their destiny”.

franceses, contrariando a política de alianças tradicional na cidade, claramente pró-França –, permitindo a restauração da República. As duas principais magistraturas que sustentavam o governo dos Medici – os *otto della pratica* e os *settanta* – foram suspensas, e foi convocada uma assembléia dos cidadãos, para definir os rumos da República recém instaurada.⁷⁹ Guicciardini descreve da seguinte forma os acontecimentos do dia 9 de novembro: “no mesmo dia de São Salvador houve dois grandes imprevistos [*accidenti*]: a mudança de regime [*la mutazione dello stato*] e a rebelião de Pisa, as duas principais coisas que poderiam ser alteradas na nossa cidade”.⁸⁰ Segundo o autor, em um só dia perderam-se todos os benefícios propiciados pelos Medici ao longo de sessenta anos, como a conquista de Pisa e de inúmeras outras localidades.⁸¹ Nem mesmo a reconquista da liberdade poderia, segundo ele, amenizar a perda destes domínios, tão importantes para os florentinos.⁸²

Cabe notar que, neste ponto da análise, Guicciardini tece uma série de considerações sobre os Medici que contradizem os juízos formulados acerca dessa família em momentos anteriores do texto: se, no capítulo em que trata da conjuração dos Pazzi, o autor relaciona diretamente o poderio do “Magnífico” à destruição dos principais valores do *vivere civile* – anulando a liberdade dos cidadãos e tornando o exercício do governo uma questão de amizade, e não de mérito –, no capítulo XI⁸³ o autor os qualifica como “muito nobres, riquíssimos, renomados em toda a Itália, e muito queridos no passado da cidade, sobretudo Cosimo e Lorenzo, que haviam conservado e aumentado o *stato* com grande *virtù*,

⁷⁹ Cf. *Storie Fiorentine*, p. 204. “...benché el di e la notte el popolo stessi armato a guardia della città, si deliberò dalla signoria, che si suspendessi l’ufficio degli otto della pratica e de’ settanta, e non si potessino ragunare insino a tanto si deliberassi altro”.

⁸⁰ *Ibid.*, p.205. “Cosi el medesimo giorno di san Salvatore ebbe dua grandissimi accidenti: la mutazione dello stato nostro e la ribellione di Pisa; le più principali cose si potessino alterare nello essere nostro”

⁸¹ *Ibid.*, p. 206. “In modo che si può dire che uno di solo cancelassi, anzi lungamente contrapesassi ed avanzassi a tutti e’ benefici che la città nostra aveva mai in tempo alcuno ricevuti da quella casa”.

⁸² *Idem.* “...perché la perdita massime di Pisa fu sì grande e di sì inestimabile danno alla città, che molti hanno dubitato quale fussi maggiore nel di di san salvadore, o l’acquisto della recuperata liberta o la perdita di Pisa; in che, pretermettendo molti discorsi si potrebbono fare, voglio conchiudere aversi tanto più da stimare l’uma cosa che l’altra, quanto egli è più naturale agli uomini cercare prima avere liberta in sé proprio, che império in altri; massime che. Parlando veramente, non si può dire avere império in altri chi non ha liberta in sé”.

⁸³ Roberto Ridolfi nota que a divisão de capítulos das *Storie Fiorentine* é arbitrária, tendo sido definida pelos editores modernos. Cf. RIDOLFI, R. *op. cit.*, p. 22.

aproveitando as ocasiões e momentos oportunos”.⁸⁴ A crítica ferrenha à família dá lugar ao elogio na condução dos negócios públicos.⁸⁵ Como interpretar esta mudança de posição?

Em primeiro lugar, ela denota uma clara indecisão do autor na formulação de seu juízo, o que em parte se deve ao fato de que a *Storie* permaneceu inacabada, não tendo sido objeto de revisões da parte do autor, que jamais demonstrou a intenção de publicá-la, ou fazê-la circular entre os homens de letras da cidade.⁸⁶ Isto, porém, dá conta apenas de parte do problema: ainda que o autor pudesse reformular seus pontos de vista – e o fará na *Storia d'Italia*, em que os juízos sobre Lorenzo se tornam decididamente positivos –, para parecerem menos antagônicos, ou então explicitando as razões de tais distinções, as dúvidas e impasses permaneceriam, exigindo do escritor uma reconsideração de suas posições iniciais. Fica claro, portanto, que, no momento da redação da *Storie Fiorentine*, Guicciardini possuía pontos de vista conflitantes, não conseguindo alcançar o equilíbrio analítico entre duas valorações antagônicas. O que parece estar em jogo é o posicionamento ante os dois extremos que denotam a ausência de liberdade em uma cidade:⁸⁷ o governo dos Medici, que representava a tirania, ainda que branda, e a República popular, exemplo da licenciosidade condenada pelo autor. Guicciardini não tem dúvidas: entre a autoridade ordenada dos Medici e a ausência de limites que imperava na República popular, a primeira opção lhe parecia mais adequada.⁸⁸ O risco de radicalização inerente ao governo de 1494 poderia ajudar a reviver os fantasmas de *Ciompi*, algo impensável nos anos de domínio mediceu; ademais, estes detinham, segundo o autor, algumas virtudes importantes – sobretudo a nobreza –, ainda que, durante os sessenta anos de

⁸⁴ *Storie Fiorentine*, p. 205. “Questo finne ebbe e così perde lo stato la casa de’ Medici, casa nobilissima ricchissima e riputatissima per tutta Itàlia, e per l’adrieto assai amata nella città, e’ capi della quale, massime Cosimo e Lorenzo, avevano con grandissime difficoltà, con grandissime virtù, con tempo ed occasione, fatto conservato ed augumentato lo stato...”

⁸⁵ Idem. “...accrescendo non solo lo *stato* loro privato, ma ezidiando lo imperio publico della città...”

⁸⁶ Cf. RIDOLFI, R. *op. cit.*, p. 22. “Written without pretensions and without any attempt at elegance, they have the natural style, the simplicity and the energy common to all Florentine authors of that time who were content to writ as they spoke; with this difference, that the good homespun of Guicciardini’s prose is always further supported by the thread of a vigorous line of thought”.

⁸⁷ Vale lembrar que Guicciardini entendia a liberdade como um meio termo entre a tirania e a licenciosidade.

⁸⁸ Cf. BONDANELLA, P. *op. cit.*, p. 32. “like so many aristocratic intellectuals of this or other periods of history, he preferred an oligarchy but ultimately chose to accept the destruction of

comando, o *vivere civile* tenha se tornado mera fachada. Adiante retomaremos os pontos centrais da crítica de Guicciardini ao republicanismo democrático de 1494.

Os dois juízos praticamente antagônicos acerca dos Medici formulados na *Storie* evidenciam uma característica da reflexão política guicciardiniana: a relação (nem sempre harmônica) entre uma análise detida dos *efeitos* – o resultado concreto das ações humanas e formas de governo⁸⁹ – e os *valores* que o autor carregava consigo – herdados da tradição *ottimati* e humanista –, acerca da melhor forma de organizar uma República. *Como veremos posteriormente, seus textos de análise política calcam-se nesta distinção, e buscam, relacionando-os na medida do possível – através de uma análise aguçada da realidade histórica, operada com “prudenzia” e “discrezione” –, estabelecer os juízos adequados a certas circunstâncias particulares, formulados a partir dos princípios gerais do bom governo, sem que, contudo, representem uma dedução do particular como reflexo do universal.* Gennaro Sasso nota que, na *Storie Fiorentine*, fica evidente uma “precoce disposição” do escritor florentino “de considerar sempre a tese e a antítese” em suas análises.⁹⁰ Assim, as assertivas de Guicciardini parecem evidenciar, na *Storie*, um conflito entre a intuição histórica da crise aristocrática e a necessidade de uma mediação *ottimati*, de uma volta aos valores que, em certo passado ideal, haviam orientado os homens nobres.⁹¹

Ao tecer juízos antagônicos sobre os Medici, Guicciardini parece operar distintamente com critérios valorativos (dever ser) e efetivos (ser): a crítica a Lorenzo orienta-se segundo o ideal da mediação *ottimati*, ao valorizar um passado ideal criticando as circunstâncias históricas e os agentes que incidiram para a decadência desses valores (os sessenta anos de preponderância da família); já nos comentários elogiosos do capítulo XI, Guicciardini discute a transição de regime ocorrida em 1494, e percebe que esta foi prejudicial, não só para os interesses da

political liberties in order to safeguard the rights of property and the access to prestige upon which the political power of the aristocracy was originally based”.

⁸⁹ A questão do efeito é fundamental em Guicciardini. Para ele, o efeito consiste no resultado concreto de certas ações ou certas formas de governo. Assim, por exemplo, no *Dialogo del reggimento de Firenze*, a análise dos efeitos – operada por Bernardo del Nero – é oposta aos valores abstratos dos demais interlocutores, identificados com princípios filosóficos incapazes de incidir para uma análise aguda da realidade política. Alguns exemplos do uso da palavra efeito, no próprio *Dialogo*: “Io vi dico che ho sempre conosciuto per esperienza che le alterazioni danno travaglio alla città, e partoriscono cattivo effetti”, p.22; “E però sempre è più approvato e chiamato migliore governo quello che partorisce migliori effetti”, p.71.

⁹⁰ Cf. SASSO, G. *op. cit.*, p.33.

⁹¹ *Ibid.*, p. 32.

cidade, como para a própria Península Itálica como um todo, já que acarretou a invasão de Carlos VIII, e a conseqüente perda da liberdade em toda a região. Neste segundo momento, o autor parece deixar de lado seus valores *ottimati*, em prol de uma reflexão calcada na observação efetiva dos fatos: entre o poder dos Medici e a licenciosidade da República, o autor opta pela primeira alternativa. Esta não é, contudo, uma escolha do “menos pior”: os argumentos de Guicciardini sobre a família adquirem, em certos momentos do capítulo XI, um tom laudatório, e o autor, em toda discussão, não cita os problemas aventados nos capítulos anteriores das *Storie*, que teriam incidido para a degradação do *vivere civile* na cidade; ele chega a afirmar que praticamente todos os cidadãos nobres apoiavam a família,⁹² o que, sabe-se hoje, não correspondia à realidade.⁹³ Dois critérios, dois juízos.

Pode-se argumentar que toda construção de juízos valorativos leva em conta uma análise histórica; ao mesmo tempo, esta não poderia tomar corpo sem valores que a norteiem. Porém, nos casos analisados, Guicciardini parece fortalecer um dos pólos em detrimento do outro: por isso os dois pontos de vista se contradizem, ainda que o autor esteja analisando situações concretas distintas e distanciadas temporalmente. Os dois conjuntos de reflexões não se destinam à particularidade de certos acontecimentos históricos – a conjuração dos Pazzi e a mudança de *reggimento* em 1494 –, mas à formulação de um juízo geral sobre os Medici, e à forma como conduziam os negócios públicos. Critérios diferentes são utilizados, e o escritor florentino não consegue – ou melhor, não se propõe a – equilibrar as análises: na *Storie*, a relação entre “dever ser” e “análise efetiva” não está bem equacionada, uma vez que constituem pólos antagônicos de análise, mobilizados pelo autor segundo critérios particulares, cada qual adequado tão somente a seu próprio contexto.

Após a *mutazione di stato* de novembro de 1494, os grupos que sustentavam a oposição aos Medici tentaram criar mecanismos de controle da participação

⁹² Cf. *Storie Fiorentine*, p. 205. “Fu certo cosa mirabile che lo stato de’ Medici che con tanta autorità aveva governato sessanta anni e che *si reputava appoggiato dal favore di quase tutti e’ primi cittadini*, si subitamente si alterassi per le mani di messer Luca Corsini ec Iacopo de’ Nerli, uomini giovani, senza credito senza autorità, senza consiglio e leggierissimi”. (grifo meu).

⁹³ Gene Brucker sustenta que a aristocracia florentina, em geral, apoiava os Medici. Havia, entretanto, uma série de resistências a esse domínio, que tomaram diversas formas ao longo dos sessenta anos de comando da família. *op. cit.*, pp. 256-274.

política, seguindo o modelo veneziano de equilíbrio entre “um”, “poucos” e “muitos” (ainda que não houvesse, no caso florentino, o “um”; apenas em 1502, quando Piero Soderini é eleito *gonfaloniere* vitalício, emerge essa figura política, baseada no doge veneziano): era a tentativa desesperada dos *ottimati* de conduzir o processo de republicanização.⁹⁴ Os ânimos, porém, encontravam-se exaltados e, com medo de perder o que já haviam conquistado, as principais famílias aceitaram, no dia 22 de dezembro, a *provvisone* que estabelecia na cidade o *Consiglio Maggiore*. Como nota Giovanni Silvano, os florentinos não tiveram, na época, a dimensão correta da revolução que operavam: as bases do “governo largo” estavam garantidas, o que daria asas a um novo tipo de republicanismo, representado por autores como Maquiavel, Guicciardini e Gianotti.⁹⁵

Dois nomes se destacaram na articulação que levou à criação do Conselho Grande: Paoloantonio Soderini e o frei Girolamo Savonarola.⁹⁶ Segundo Guicciardini, a exclusão de Soderini do grupo seletivo dos que tomavam as decisões centrais fez com que ele se aproximasse cada vez mais do religioso, que vinha há alguns anos atraindo a atenção da cidade com suas pregações, popularizadas pouco antes da invasão de Carlos VIII (que, segundo consta, teriam sido previstas pelo frei).⁹⁷ John Pocock sustenta que Savonarola conseguiu um feito notável: através de um discurso apocalíptico, de cunho religioso, convenceu os pragmáticos florentinos a reformarem seu *reggimento*, estabelecendo um

⁹⁴ Logo após a expulsão dos Medici de Florença, alguns dos cidadãos mais importantes da cidade foram escolhidos para elaborar a reforma do *reggimento*, que entre outras coisas aboliu os oito da prática e os setenta, que sustentavam a família: “...e sendosi fatta una bozza da’ primi del governo, de’ quali massime erano capi Tanai de’ Nerli, Piero Capponi, Francesco Valori, Lorenzo di Pierfrancesco, Bernardo Rucellai, fattasene conclusioni, si sonò a parlamento, nel quale furono com concorso grandde approvati e’ modi ordinati...”. *Storie Fiorentine*, p. 214.

⁹⁵ Cf. SILVANO, G. “Early sixteenth-century Florentine republicanism”. In: BOCK, G.; SKINNER, Q.; VIROLI, M. (org.). *Machiavelli and Republicanism*, p. 44. “Although Florentine may not have perceived fully the revolutionary, political and social significance of the *Provvisone* of 22-3 December which established the Consiglio Maggiore, the fact remains that this institution changed the course of Florentine constitutional history, and was to remain a central issue in the city’s political and ideological life”.

⁹⁶ *Storie Fiorentine*, p. 215. “...in modo che si disse poi publicamente che per questo sdegno Paoloantonio, per mutare lo stato, persuase a fra Girolamo, e lo adoperò per instrumento a predicare, si facessi el governo del popolo”.

⁹⁷ *Ibid.*, p. 217. “Ed avendo già fra Ieronimo acquistato nel popolo credito di dottrina e santità, morì Lorenzo, e lui seguitò a tempo di Piero, tuttavia allargandosi più nel predicare, e predicando la rinnovazione della Chiesa, um flagello presto a Italia, nella quale verrebbono nazione barbare, che piglierebbono le fortezze colle meluzze ed espugnerebbono ogni cosa”.

“governo largo” sem precedentes naquele contexto histórico.⁹⁸ Tomando como modelo a constituição veneziana, Savonarola conduziu o processo de reformas políticas, dando legitimidade e importância ao *Consiglio Maggiore*. Seu principal argumento consistia na defesa de uma reforma da Igreja que partisse de Florença, uma cidade eleita por Deus; para tanto, fazia-se necessário restaurar uma forma de vida virtuosa, o que somente seria possível através da cidadania republicana.⁹⁹ A força destes argumentos impregnou-se no imaginário florentino; escrevendo dez anos após a morte do frei, Guicciardini afirma que nunca se vira na cidade costumes tão corretos e adequados à religião como no período das pregações savonarolianas:¹⁰⁰

“Não se jogava mais em público, e nas casas, apenas com temor; foram fechadas as tavernas, que eram os lugares de reunião da juventude depravada e antro de todos os vícios; a sodomia havia praticamente desaparecido; as mulheres, em grande parte, abandonaram as vestes desonestas e lascivas...” (*Storie Fiorentine*, p.278).¹⁰¹

Vale notar que muitos dos *ottimati* – que normalmente se voltariam contra um governo cujas principais decisões eram tomadas em uma assembléia geral –, aderiram ao frei, formando o grupo que ficou conhecido pela alcunha jocosa de *piagnoni* (chorões), liderados por Francesco Valori, e que contava com a participação de Piero Guicciardini, pai do escritor.

Ainda que se baseasse no modelo veneziano, o novo *reggimento* de Florença previa uma participação ampliada dos diversos setores populares na divisão dos cargos públicos e eleições das principais magistraturas.¹⁰² Todos

⁹⁸ Cf. POCOCK, J. *op. cit.*, p. 104. “It is, however, remarkable – or at least it appears so to us – to find the apocalyptic mode, which we associate with the irrationalism of the oppressed, exerting such power over the minds of Renaissance Florentines”.

⁹⁹ *Ibid.*, p. 106. “He came to believe that the church was to be reformed through a spiritual renewal beginning at Florence – apocalyptic thought identifying spiritual history with the secular community – and more important still, he came to equate this renewal with a restoration of republican citizenship”

¹⁰⁰ *Storie Fiorentine*, p. 278. “Le opere fatte da lui circa l’osservanzia de’ buoni costumi furono santissime e mirabile, né mai in Firenze fu tanta bontà e religione, quanta a tempo suo; la quale doppo la morte sua scorse in modo, che manifestò ciò che si faceva di bene essere stato introdotto e sustentato da lui”.

¹⁰¹ *Idem.* “Non si giudicava più in publico, e nelle case ancora com timore; stavano serrate le taverne che sogliono essere ricettaculo di tutta la gioventù scorretta e di ogni vizio; la sodomia era spenta e mortificata assai; le donne, in gran parte lasciati gli abiti disonesti i lascivi...”

¹⁰² Cf. POCOCK, J. *op. cit.*, p. 103. “If, however, the myth of Venice owes a great deal to the Florentine constitution of 1494, it is not less true that 1494 marks the capture of the myth by

aqueles cujos pais, avôs ou bisavôs tivessem sido membros de um dos conselhos maiores da cidade – *signoria*, conselho dos cem ou dos setenta –, fossem maiores de vinte e nove anos, e não possuíssem dívidas com o fisco, poderiam tomar parte do *Consiglio Maggiore*.¹⁰³ O que, como nota Felix Gilbert, implicava a participação de aproximadamente 3.000 cidadãos, num universo de 70.000 habitantes; isto por conta da alta rotatividade dos cargos públicos ao longo dos tempos, que fazia com que grande parte da população possuísse algum parente distante que tivesse, ao menos uma vez, tomado parte em algum dentre os conselhos citados.¹⁰⁴

No *Consiglio Maggiore*, não havia discursos ou debates; dentre as suas funções, estavam as de aprovar leis, votar impostos, e escolher os ocupantes dos principais cargos executivos, dentre os quais a *Signoria*, composta por nove membros: oito *priori di libertà* e um *gonfaloniere di giustizia*, o cargo mais importante da República. Havia um grande rodízio na ocupação dos cargos, já que o exercício das funções durava poucos meses; além da *signoria*, órgão de caráter executivo, havia diversas instituições consultivas, como os *sedici gonfalonieri di compagna* e os *dodici buonuomini*, além dos conselhos dos dez (que tratava dos assuntos de guerra, paz e política externa), dos oito (administração e justiça) e os *ufficiale di Monte* (finanças).¹⁰⁵ Segundo Felix Gilbert, assim se dava a relação entre a *signoria*, os órgãos consultivos e o *Consiglio Maggiore*: “A *signoria* preparava, deliberava sobre, e chegava a um acordo acerca das propostas legislativas antes de submetê-las ao conselho dos Doze Homens Bons, aos dezesseis *Gonfalonieri*, e então ao Conselho Grande para a aprovação”.¹⁰⁶

Guicciardini não via com bons olhos o novo *reggimento*; da mesma forma, condenava a atuação política de Savonarola – ainda que louvasse o frei em outros aspectos, como sua incorruptibilidade, e sua capacidade de persuadir a todos a

advocates of broadly based mixed government. All the evidences collected by Gilbert goes to suggest that Florentines before 1494 generally saw Venice as an aristocracy”.

¹⁰³ *Storie Fiorentine*, p. 219. “lo effetto fu che si facessi uno consiglionele quale intervenissino tutti e’ cittadini netti di specchio e che fussino di età ventinove finiti, e che loro o padri, avoli o bisavoli, , fussino statu de’ tre maggiori”.

¹⁰⁴ Cf. GILBERT, F. *op. cit.*, p.14. “The most characteristic feature of the system by which executive business was conducted in Florence was the short tenure of office”. Sobre o número de habitantes e participantes do *Consiglio Maggiore*, conferir pp. 19-21.

¹⁰⁵ Essas informações se encontram em Felix Gilbert. *Ibid.*, pp. 7-28.

¹⁰⁶ *Ibid.*, p. 13. “The Signoria prepared, deliberated upon, and agreed to all legislative proposals before submitting them to the Boards of the Twelve Good Men, of the Sixteen *Gonfalonieri*, and then to the Great Council for approval”.

agir segundo os princípios cristãos.¹⁰⁷ Para o escritor florentino, a atuação política do frei incidira para um aumento das discórdias civis e dos conflitos na cidade. Nesse sentido, as ações do religioso, ainda que bem intencionadas, acabaram por operar uma divisão da cidade em duas facções, extremamente hostis uma para com a outra.¹⁰⁸ Como vimos no capítulo anterior, a discórdia civil era considerada pelos teóricos políticos de então bastante prejudicial à cidade, e Guicciardini reproduz, na *Storie*, este ponto de vista.

Os conflitos internos chegaram ao ápice em 1497, quando Bernardo del Nero – chefe dos *arrobiati*, facção oposta aos savonarolianos *piagnoni*, liderados por Francesco Valori –, é executado, acusado (injustamente, segundo o autor) de conluio com os Medici, para que estes retornassem à cidade.¹⁰⁹ Mas não era apenas a atuação de Savonarola que incidia para a discórdia cívica: Guicciardini aponta um fator ainda mais importante, a saber, a ausência de cidadãos qualificados para o exercício das funções públicas:

“O governo interno da cidade [*governo della città di drento*] estava muito desordenado, com os magistrados sendo nomeados pelo *consiglio grande*, o qual, no início, dava preferência aos homens populares [*uomini popolari*] e bons e que não se importavam com o *stato*, [em detrimento daqueles] que possuíam mais autoridade e experiência”. (*Storie Fiorentine*, p. 251).¹¹⁰

Ao mesmo tempo, os sorteios – forma pela qual a maior parte dos cargos era escolhida – levavam muitas vezes à nomeação de pessoas desqualificadas para ocupar posições importantes.¹¹¹ Com o tempo, nota Guicciardini, os homens

¹⁰⁷ *Storie Fiorentine*, p. 277. “...perché osservò lungamente la vita ed e’ costumi sua, non vi trovò uno minimo vestigio di avarizia, non di lussuria, non di altre cupidità o fragilità; ed in contrario una dimostrazione di vita religiosissima, piena di carità, piena di orazioni, piena di osservanzia, non nelle cortecce ma nella medolla del culto divino”.

¹⁰⁸ *Ibid.*, p. 237. “E così sendo nata una grandissima divisione ed odio capitale negli animi de’ cittadini, ed in forma che in molti Fratelli, in molti padri, nasceva um altro disparere grandissimo: che tutti quegli favorivano el frate, tenevano la parte di Francia; quegli lo disfavorivano, arebbono voluto accordarsi colla lega”.

¹⁰⁹ *Ibid.*, p. 261. “Nondimeno lo intento suo era di fare capi e’ figliuoli di Pierfrancesco, non di rimettere Piero de’ Medici”.

¹¹⁰ “El governo della città di drento era molto disordinato, creandosi e’ magistrati tutti nel consiglio grande, el quale nel principio dava più favore agli uomini popolari e buoni e che non si impacciassino dello stato, che a quegli che avevano più autorità e più esperienza”.

¹¹¹ *Ibid.*, pp. 253-4. “Di che nacque che le elezione cominciorono molto a piggiorare ed a rallargarsi perché per le tratte non andavano a partito uomini idonei come per le nominazioni; ed inoltre quegli squittinati, come avevano la metà delle fave ed una più, benché l’uno avessi di gran lunga più fave che l’altro, avessino un medesimo ragguaglio della sorte”.

sábios começaram a ser indicados para as principais funções. Porém, havia sobre eles a eterna suspeita de conluio com os Medici, uma vez que muitos eram remanescentes do período de Lorenzo e Piero. Isto fazia com que boa parte dos *grandi* se afastasse da política, passando a cuidar exclusivamente de seus assuntos comerciais e negócios privados. No Capítulo XXIII, Guicciardini concentra-se na crítica da República de 1494, e seu juízo não poderia ser mais contundente: “seria difícil imaginar uma cidade tão desordenada e mal governada”.¹¹² O autor cita diversos elementos que, segundo ele, teriam contribuído para a situação lastimável em que se encontrava Florença naquele momento: a falta de apego à coisa pública, a morosidade nas decisões, o excessivo revezamento nos postos principais, a ausência de segredos de Estado, a inexperiência de muitos que ocupavam os cargos da *signoria*, incapazes de negociar com os grandes principados e Repúblicas.¹¹³ Os homens sábios e experientes já não queriam participar dos assuntos de Estado, pois que eram muitas vezes obrigados a arcar com os gastos da cidade, haja vista a rigidez e morosidade do *Consiglio Maggiore* na aprovação de novos impostos;¹¹⁴ ademais, era comum que os nobres fossem acusados, enquanto exerciam cargos públicos, de urdir tentativas golpistas.¹¹⁵ O juízo de Guicciardini adquire contornos trágicos: “Este sistema desagradava tanto aos sábios [*cittadini savi*], acostumados a ter autoridade, que estes se encontravam cansados de viver”.¹¹⁶ Nesse contexto de grandes perturbações, Savonarola foi executado (1498), o que, como nota Felix Gilbert, não ajudou a diminuir os conflitos internos.¹¹⁷

Com vistas à resolução da crise que afligia a cidade, foram ventiladas diversas propostas de reforma do *reggimento*; aquela considerada a mais pertinente foi sugerida por Alammano Salviati, sogro do autor: consistia no

¹¹² Ibid., p. 373. “In che s’ha a intendere che e’ sarebbe difficile immaginarsi una città tanto conquassata e male regolata quanto era la nostra”.

¹¹³ Estes argumentos se encontram dispersos ao longo do capítulo XXIII da *Storie Fiorentine*.

¹¹⁴ *Storie Fiorentine*, p. 376. “Così gli uomini ricchi e che non attendevano allo stato, dolendosi di essere ogni dì sostenuti e taglieggiati a servire di danari el commune, desideravano uno vivere nel quale, governassi chi si volessi, non fussino molestati nelle loro facultà”.

¹¹⁵ Ibid., p. 375. “E però e’ savi cittadini e di riputazione, vedute queste cattive cagione, né vi potendo riparare perché súbito si gridava che volevano mutare al governo, stavano male contenti e disperati e si erano in tutti alienati dello stato”.

¹¹⁶ Ibid., pp. 375-6. “Questi modi dispiacevano tanto a’ cittadini savi e che solevano avere autorità, che erano quase stracchi del vivere”.

¹¹⁷ Cf. GILBERT, F. *op. cit.*, p. 51. “After the execution of Savonarola in 1498 the disparity of group interests dominated the political alignment in Florentine politics”.

estabelecimento de um *gonfaloniere di giustizia a vita*.¹¹⁸ A idéia era que, ocupando um cargo vitalício, as ambições do *gonfaloniere* se extinguíssem, permitindo que este desempenhasse o papel de árbitro dos conflitos internos, dedicando-se exclusivamente ao bem estar da cidade.¹¹⁹ O nome escolhido para ocupar o cargo foi o de Piero Soderini: era proveniente de uma boa família, possuía pouca parentela, não tinha filhos, era rico, experiente, valente e sabia falar. Ademais, era considerado amante do povo e do *Consiglio Maggiore*, o que lhe garantiu o primeiro lugar na votação.¹²⁰ Todavia, a reforma foi considerada insuficiente por Guicciardini. Para tornar claro seu juízo, o autor utiliza a metáfora do timoneiro, tão comum em seus escritos políticos posteriores:

“No que se refere ao governo da cidade [*governo di drento*], a criação do cargo de *gonfaloniere a vita* foi um bom início; mas, como a um navio não basta um bom timoneiro, se os outros instrumentos que o conduzem não se encontrarem bem ordenado, do mesmo modo não bastava ao bem estar da cidade ter criado o cargo de *gonfaloniere a vita*, que exerce neste corpo praticamente a mesma função do timoneiro, se não se ordenarem todas as medidas necessárias para uma república que queira se manter livre e evitar os extremos da tirania e da libertinagem”. (*Storie Fiorentine*, p. 390).¹²¹

¹¹⁸ Para Felix Gilbert, a aristocracia entendia a lei de 1502 que instituía o *gonfaloniere* vitalício como o início das mudanças que levariam para longe do “governo largo”. Ibid., p. 74.

¹¹⁹ *Storie Fiorentine*, p. 380. “A molti, fra’ quali era Giovan Batista Ridolfi, pareva el contrario; assegnavanne massime due ragione: l’uma, che sendo fatto a vita, arebbe el maggiore grado che potessi desiderare nella città e però che l’animo suo si quiterebbe e contenterebbe, e potrebbe senza rispetto alcuno pensare al bene della città, dove, se fussi a tempo, non poserebbe forse così l’animo, ma penserebbe como vi si potesse perpetuare, o con favore dellamoltitudine o com qualche via straordinaria; il che non potrebbe essere se non con dano ed alterazione grande della città; di poi, che sendo in perpetuo, podetrebbe più vivamente fare osservare la giustizia e punire e’ delitti, perché avendo a stare semprein quello magistrato, non arebbe rispetto a paura di persona, dove sendo a tempo, si ricorderebbe avere a tornare um di cittadino privato, e non vi sarebbe gagliardo, anzi procederebbe com quegli riguardi che facevanogli altri magistrati della città, e così verrebbe a mancare la osservanza della giustizia, che era uno di quegli effetti principali pel quale si introduceva questo nuovo modo”.

¹²⁰ Ibid., p. 387. “Le cagione perché lui fu in fato tanto magistrato preposto a tutti gli altri furono molte: era di casa buona e nondimeno non piena di molti uomini, né copiosa di molti parenti; era ricco e senza figliouli; era reputato cittadino savio e valente; era tenuto amatore del popolo e di questo consiglio; aveva buona lingua”.

¹²¹ Ibid., p. 390. “Erasì quanto al governo di drento fatto uno principio buono, di avere creato uno gonfaloniere a vita; ma come a una nave non basta uno buono nocchiere se non sono bene ordinati gli altri instrumenti che la conducono, così non bastava al buono essere della città l’aver provisto di uno gonfaloniere a vita che facessi in questo corpo quasi lo ufficio di nocchiere, *senon si ordinavano le altre parte che si richieggono a una republica che voglia conservarsi libera e fuggire gli estremi della tirannide e della licenzia*”. (grifo meu).

A escolha de um *gonfaloniere a vita* não ordenaria a cidade de uma hora para outra. Era preciso uma reforma mais profunda, que afetasse os próprios alicerces do *reggimento*, permitindo que os *savi*, cada vez mais raros, pudessem tomar a frente dos negócios públicos. Guicciardini não delineia, porém, os procedimentos necessários a esta reforma; *na Storie, contenta-se com o diagnóstico da crise dos valores que regem o bom governo: a liberdade necessária transformou-se em libertinagem; as virtudes exigidas do bom governante não existiam naqueles que exerciam os cargos públicos; não havia concórdia, uma vez que a cidade se dividia entre os nobres e o “universale”, e mesmo os “grandi” não possuíam acordo entre si.* A avaliação feita pelo escritor do governo de Soderini não era positiva: ao invés de atuar como elemento neutro, capaz de propiciar o equilíbrio das instituições, o *gonfaloniere* opta por alianças com as massas, desprezando muitas vezes as opiniões e conselhos dos *savi*.¹²² A cidade mantém-se dividida,¹²³ e a administração da justiça piora, e a prova maior da ineficiência de sua gestão teria sido a incapacidade de reconquistar a cidade de Pisa.

Guicciardini não termina sua *Storie Fiorentine*. Por alguma razão desconhecida, o autor abandona a redação, deixando inconclusa esta obra. A narrativa se encerra abruptamente em 1509, com uma sentença incompleta. Não se pode definir com precisão as razões que levaram o autor a abandonar a *Storie*. Penso que o central não é aventar o que teria levado Guicciardini a deixar o texto de lado, visto que infinitas razões podem ter incidido para isso. O fundamental, creio eu, é questionar o que fez com que o escritor florentino não retomasse sua redação após o afastamento, cujas causas jamais saberemos.¹²⁴ Como veremos no

¹²² Ibid., p. 413. “ma a quase tutti gli altri uomini di qualità e vecchi e giovani dispiaceva el suo governo, giudicando che el volere governare lê cose da sé medesimo e di sua autorità facessi dua effetti cattivi: l’uma che, come mostrò tutto di lo effetto, e’ pigliassi molti errori in danno del publico; l’altra ch’ egli spaciassi e sotterrassi interamente gli uomini da bene”.

¹²³ Ibid., p. 414. “E così si cominciò a dividere la città: da una parte Piero Soderini gonfaloniere, da altra molti uomini di qualità, de’ quali si facevano più vivi e’ Salviati e di poi Giovan Batista Ridolfi; e nondimeno, perché la moltitudine ed el consiglio grande non curava e non attendeva a queste cose, questa divisione faceva gli effetti sua più tosto fra gli uomini di più autorità e nelle pratiche e louoghi stretti, che altrove”.

¹²⁴ Roberto Ridolfi afirma que no dia 23 de fevereiro de 1509 o autor trabalhava no capítulo XXI, relativo ao ano de 1502. Durante os anos de 1509 e 1510, Guicciardini trabalhou normalmente como advogado na cidade, não estando envolvido em nenhuma missão oficial, o que lhe garantia tempo suficiente para terminar seu livro, ainda que o nascimento de sua filha e a visita à cidade de Pisa recém capturada possam ter incidido para uma diminuição do ritmo da escrita. Em 1510, Guicciardini é escolhido pelo Conselho dos Oitenta para sua primeira missão oficial, a embaixada na Espanha, para a qual partirá em janeiro de 1512, dezoito meses após sua indicação. É provável

próximo capítulo, a embaixada na Espanha – cargo para o qual foi nomeado em 1510, tomando posse em 1512 – marcou profundamente o jovem Guicciardini; ao entrar em contato com Fernando de Aragão, rei de Espanha, o escritor florentino se impressiona com a habilidade do monarca na condução dos negócios políticos, habilidades estas que pouco tinham a ver com os princípios ciceronianos de concórdia, virtude e justiça. Durante os dois anos de permanência em terras espanholas, Guicciardini toma contato com as principais articulações européias, e pode perceber que Florença possuía uma posição apenas secundária naquela conjuntura internacional. Da mesma forma, os princípios que orientavam a ação dos grandes monarcas pouco tinham a ver com as qualidades exigidas de um bom governante, nos moldes clássicos. Guicciardini começa a descobrir os meandros de uma nova arte, que será a grande paixão da sua vida: a *arte dello stato*. E seu professor foi exatamente aquele que mais conhecia dessa arte: Fernando de Aragão.

Penso que o contato com essa nova realidade, e a experiência na condução dos assuntos públicos, fez com que Guicciardini considerasse muitos dos pontos de vista sustentados na *Storie* obsoletos e pouco eficazes. Ao mesmo tempo, o procedimento analítico utilizado – análise da história da cidade – se mostrou inadequado para a construção de um modelo reformador: a referência a um passado ideal acrescentava muito pouco às discussões acerca do melhor *reggimento*, uma vez que Florença alcançara, no final da primeira década do século XVI, tal nível de deterioração, que a implementação das reformas necessárias exigia um estudo aprofundado das causas da degeneração, e dos remédios que pudessem propiciar a cura da cidade. Assim, durante a estadia na Espanha, Guicciardini se volta a outro tipo de análise, que culminará na redação do *Discorso di Logrogno* e da *Relazione di Spagna*, textos marcados pela observação aguda dos costumes e da realidade histórica de dois povos bastante diversos. A *Storie* perdia assim sua utilidade: suas considerações acerca do passado florentino, tal qual formuladas, teriam pouco a acrescentar aos novos objetivos analíticos do escritor florentino. Ao mesmo tempo, como gênero histórico, a *Storie* era inadequada, uma vez que não seguia os padrões humanistas necessários a uma “história verdadeira”, elegante em estilo e com temática

que a falta de tempo tenha prejudicado o desenvolvimento do texto, mas são apenas especulações. *op. cit.*, pp.21-6.

precisa. Com os artefatos teóricos mobilizados na *Storie*, Guicciardini viu-se incapaz de propor um modelo adequado de reforma para a cidade, e a consciência destes limites teria incidido para o abandono de um texto bem próximo de suas páginas finais. Não existem provas documentais que comprovem esta hipótese. Contudo, a mudança operada a partir de seus textos de 1512 indica claramente a adoção de uma nova perspectiva, de um novo olhar para a política.